

# MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares



*Delegados da Obra 2017*

**Os nós de  
uma grande  
rede**

**Em Espanha**  
Ir à raiz  
do diálogo

**Upm**  
Partir de novo  
com dinamismo  
e paixão

# Maria flor da humanidade

Olhando para a natureza, parece que Jesus também lhe deu o seu mandamento novo.

Observei duas plantas e pensei na polinização. Antes desta, as plantas cresciam para o alto, como se amassem a Deus com todo o seu ser. Depois, unem-se como se se amassem mutuamente, como as Pessoas da Trindade se amam. Fazem de duas uma coisa só. Amam-se até ao abandono, até perderem – por assim dizer – a sua personalidade, como Jesus no abandono.

Depois, da flor que dela brota, nasce o fruto e, por isso, a vida continua. É como a Vida eterna de Deus, impressa na natureza.

O Antigo e o Novo Testamento formam uma única árvore.

O florescimento aconteceu na plenitude dos tempos. E a única flor era Maria.

O fruto que dela brotou é Jesus.

Também a árvore da humanidade foi criada à imagem de Deus.

Na plenitude dos tempos, na floração, realizou-se a unidade entre Céu e Terra e o Espírito Santo desposou Maria.

Temos, portanto, uma única flor: Maria. E um único fruto: Jesus. Mas Maria, embora uma, é a síntese de toda a Criação, no auge da sua beleza, quando se apresenta como esposa ao seu Criador.

Jesus, por seu lado, é a Criação e o Incriado numa coisa só: o Casamento consumado. E Ele contém em si Maria, tal como o fruto contém a flor. Quando a flor termina a sua parábola cai, e amadurece o fruto.

Contudo, se não tivesse existido a flor, o fruto não teria amadurecido.

Tal como Maria é Filha do seu Filho, assim a flor é filha do fruto, que é seu filho.

Mas entre a flor e o fruto, o tempo é tão breve que é quase anulado, dado que o fruto é uma consequência da flor.

Enquanto a flor, depois de muito tempo, nasce na árvore que foi gerada da semente contida no fruto.

Assim, Maria é a flor que brotou da árvore da humanidade, nascida de Deus, que criou a primeira semente, em Adão. É Filha de Deus, seu Filho.

Olhando para uma plantinha de gerânio, que se abria numa flor vermelha, perguntei-me e perguntei-lhe: «Por que floresces vermelha? Por que mudas do verde para vermelho?». Parecia-me uma coisa estranha!

Agora compreendi que toda a humanidade floresce em Maria. Maria é a Flor da humanidade. Ela, a Imaculada, é a Flor da Maculada.

A humanidade pecadora floriu em Maria, a toda bela!

E, como a flor vermelha está grata à plantinha verde, com as raízes e o estrume



que a fizeram florir, assim acontece com Maria, porque fomos nós, pecadores, que obrigámos Deus a pensar em Maria.

Nós devemos a salvação a Ela. E Ela deve a sua vida a nós.

Que linda, Maria! É a Criação que floresce, a Criação que se embeleza. Toda a Criação florida, como a folhagem de uma árvore, é Maria. Do Céu, Deus enamora-se desta Flor das flores, poliniza-a com o Espírito Santo e Maria dá, ao Céu e à Terra, o fruto dos frutos: Jesus.

Deus, para descer do Céu à Terra, tinha de encontrar Maria: Ele não podia descer no pecado e, então, “inventou” Maria que, resumindo em si toda a beleza da Criação, “engana” Deus e atrai-O à Terra.

Mas Ela é Flor da humanidade e, tendo atraído Deus a si, atrai-o para a humanidade, porque Ela está agradecida à humanidade por lhe ter dado a vida.

*Chiara Lubich*

Cf. Escrito de 9 de julho de 1950 em: Maria, por B. Leahy e J. Povilus, Cidade Nova, Abrigada 2017, pp. 43-45; *La dottrina spirituale*, por M. Vandeleeene, Mondadori 2001, pp.185-187.



Delegados da Obra 2017

## Os nós de uma grande rede

**Foram 15 dias muito intensos que o Conselho Geral e os Delegados das Zonas viveram no Centro do Movimento: uma experiência de comunhão que nos deixou surpreendidos.**

“Um só coração”. Foi precisamente esta a experiência que a Emmaus desejou, quando deu início ao encontro que os membros do Conselho Geral e os Delegados de todas as zonas do mundo, num total de 131 representantes, fizeram. Foi uma espécie de “ponto da situação a meio do seu mandato”, durante as duas semanas que estiveram em Castel Gandolfo.



Maria Voce com Glauco Venuti (Sudeste da Ásia)

E quais foram os frutos? “Uma consciência renovada de que a Obra é, na sua totalidade, de cada um de nós”, de acordo com o desejo também expresso pela Emmaus. Uma experiência que leva a Maria, no ano em que se quer aprofundar o conhecimento dela e “sobretudo revivê-la, para que, em qualquer lugar onde estejamos, quem quer que se aproxime de nós, possa encontrar a seu lado um coração de mãe que sabe compreender, esperar, ser paciente, ouvir, dar apoio”.

Com os membros da comissão que elaborou o programa, procurámos “entrar” na experiência.

“Para se ser Maria – foi o Gianni Salerno a falar – é preciso, como dizia Chiara, libertarmo-nos de nós



Julia Tigges (Paquistão) com Ray Asprer (Conselho geral)

1 Da Comissão fazem parte alguns Delegados de Zona: Silvia Escandell (Extremo Sul), Salvatore Ignaccolo (África Oriental), Andrea Goller (Itália) e Renata Kobayashi (Nordeste da Ásia), e do Conselho Geral: Antonella Liguori (conselheira para a Ásia), Ray Asprer (conselheiro para a América do Norte), Fanny Bava (Humanidade Nova), Alba Sgariglia (Centro Chiara Lubich) e Gianni Salerno (Famílias Novas).

próprios e, anulando-nos – por assim dizer – tomar *a sua forma*”. “Como fizemos para se formar “o único coração”? A comunhão de alma em pequenos grupos foi muito importante, porque era preciso colocar-se no lugar de cada um, para nos reconhecermos “irmãos”, mais do que responsáveis de um Centro ou de uma Zona. Com esta unidade, todo o resto pôde tomar forma”. Uma aplicação da socialidade de acordo com o Ideal, foi a impressão do Andrea Goller: “Devemos habituar-nos a não viver apenas para o nosso bocadinho – embora seja importante – ou numa relação direta Zona-Centro, mas numa relação mais social, em rede”.

“O programa pré-preparado – salientou a Antonella Liguori – foi-se adequando, pouco a pouco, às exigências que eram manifestadas pelos Delegados. E, se antes esperávamos respostas, depois, fazendo a comunhão de alma, chegava a luz. Cada um tem em si as respostas devido “àquela” graça que recebeu, para agir onde estiver e ali realizar a Obra segundo o desejo de Deus. Mas essas respostas percebiam-se e iam-se amplificando naquela comunhão entre todos, que foi determinante”. A apresentação da nossa Zona, assim como a de todas as outras, foi recebida com um silêncio muito profundo – acentuou a Sílvia Escandel. Regressar e descobrir para onde vamos, com esta visão global, é um ponto de luz que nos vai ajudar a repensar a Obra no futuro”. Um ponto de luz que se tornou mais intenso nos encontros das Zonas com

a Emmaus e o Jesús, confirmando e dando asas novas aos projetos, às ideias e às decisões.

## Um olhar global, a 360°

Na *Mariapoli online* as entrevistas aos participantes proporcionaram uma panorâmica sobre os vários momentos dos trabalhos. Foi assim que tivemos conhecimento da ideia de se fazer uma única Mariápolis europeia, como contributo para a unidade de um continente em profunda crise. Assim como surgiu o projeto de realizar,

### Alguns projetos

Em 2018, o programa da Obra, além do Genfest, terá um outro ponto importante que é o décimo aniversário da partida de Chiara para o Céu. Será celebrada - pensando em Maria, no seu Magnificat - pondo em relevo, de modo especial, as muitas obras que nasceram do carisma da unidade. Vem em relevo a encarnação, o aspecto do «Azul», mas também o do «anil», porque Maria é a «sede da Sabedoria e mãe de família».

Na segunda semana foram abordadas as temáticas: *o anúncio do Ideal*, que é coletivo e ao mesmo tempo pessoal; é um testemunho que gera uma vida nova nos outros, mas também em nós próprios. *O diálogo*, essencial, transversal e comum a todos, o nosso «estilo de vida», para o qual devemos estar preparados logo desde os primeiros momentos da formação. Foi importante verificar que é necessária uma formação cada vez mais aprofundada, acompanhada por experiências de compromisso concreto, quer a nível pessoal, quer a nível colectivo. A propósito de Up2me, chegou-se à conclusão de que é rigoroso e científico. Se se conseguir pôr em prática em todas as Zonas, na faixa etária juvenil, prestar-se-á um grande serviço à Obra, à Igreja e ao mundo.



Lucia Compostella (à esq.), Yob Doronila,  
Noreen Lockhart (Oceânia)

numa das 25.000 ilhas, uma única Mariápolis na Oceânia, para desenvolver a vida do carisma, num local naturalmente preparado para o receber. Na África, onde a educação parece fundamental para um desenvolvimento justo, confirmou-se a oportunidade de se promover uma educação para o Mundo Unido, concretizando iniciativas como a Ação *Ecoleaders*, para a formação de jovens. Na América Latina, conseguiu-se pôr em rede mais algumas das numerosas obras sociais, com percursos de acompanhamento, de diálogo e de comunhão. A criatividade que acompanha a nova configuração leva à exploração de novos horizontes e estratégias. No Brasil, por exemplo, alguns Focolares, localizados nal-



do Ideal, particularmente entre os jovens, envolvendo toda a Obra no mundo. Podemos dizer: “Somos todos Genfest!”.

Os Delegados Centrais, a Frederike e o Angel, foram os porta-vozes de preciosas indicações, como a da Emmaus, no que diz respeito à deslocação de alguns focolares: não se deve pensar que *se corta* um fio, mas é um fio da rede, ligado pela unidade, pelo amor recíproco, que *se estende* para levar a mesma vida a outros lugares. Os processos em curso são uma oportunidade para “alargar e tornar cada vez mais densa esta rede de Maria, tendo em vista o *Ut Omnes*, em que cada nó é importante e cada fio é precioso para o todo”.

“O que é que Chiara nos quer dizer hoje? – pergunta-se Salvatore Ignaccolo – Que a encarnação que estamos a ver é o *Ut omnes* que toma forma. Um processo iniciado com o sim de Maria, que somos chamados a atualizar, na Sua Obra. Como acontece com o computador: com o *enter* o sistema começa a funcionar”. “O esforço de o iniciar foi já feito por Chiara, diz o Ray Asper, como descrevem os testemunhos dos primeiros tempos. Não é preciso, por isso, perceber como se faz, mas sim deixar-se conduzir e, com um ato de humildade, colocar-se à disposição”.

Para a Renata Kobayashi “o encontro começou com o trabalho da comissão, na sessão das 21h (hora da Coreia), em que se podia falar, avaliar, construir juntos”. “Sou uma voluntária e, para mim, foi sobretudo uma experiência de Obra Una, um corpo que trabalhava para a Obra – diz a Fanny Bava. A Obra é de todos, e também a responsabilidade de a desenvolver juntos é de todos”. A Alba Sgariglia acrescentou: “Contemplámos a acção do Espírito Santo: na primeira semana, era surpreendente como os Delegados conseguiam concentrar em poucos minutos um ano

Uno sguardo  
a metà strada ...  
fra due Assemblee

Centro dell'Opera, settembre 2017



Friederike Koller, Ángel Bartol (Conselho geral)

gumas cidades há mais de 40 anos, mudaram-se para outros lugares, para reforçar o desenvolvimento da Obra. Na América do Norte, está a pensar-se abrir Focolares destinados ao serviço de realidades específicas, como por exemplo, numa paróquia ou num *campus* universitário. Além disso, depois da plurianual experiência nos vários diálogos, nasceu um centro que lhes é dedicado. Na Ásia, o Genfest, no mês de julho do próximo ano, em Manila (com eventos antes e depois, também noutros Países Asiáticos), evidencia a possibilidade de uma forte expansão

## Obrigada a quem sonha com o mundo unido

Na conclusão do encontro anual dos Delegados do Movimento dos Focolares, uma carta de agradecimento da presidente Maria Voce (Emmaus) e de todos os representantes dos Focolares no mundo, foi dirigida àqueles que vivem, no dia a dia, o ideal da unidade, dentro ou fora do Movimento.

30 de setembro de 2017

Caríssimas e caríssimos!

Na conclusão do nosso encontro internacional em Castel Gandolfo, no qual pudemos constatar tudo aquilo que o Carisma da Unidade realiza no mundo, aprofundando a nossa identidade como Obra de Maria, sentimos um grande desejo de contactar cada um de vocês que, de várias maneiras, aderiu ao Ideal e o vive, dando o seu contributo, nas mais variadas situações, para a construção dos fragmentos de fraternidade.

Sabemos que são muitíssimos aqueles a quem devemos gratidão e reconhecimento por quanto amaram, sofreram, deram a vida para a construção desta realidade.

Com todo o nosso coração, queremos dizer um imenso obrigado a todos, não esquecendo os que já não se considerem parte ativa do Movimento, mas que continuam a viver o seu dia-a-dia movidos pelo mesmo Ideal de Chiara.

Certamente que Nossa Senhora, mãe da Obra e de todos, nos ajudará a continuar juntos o caminho para a unidade da família humana, sendo expressão do seu amor onde quer que estejamos.

Sentindo-nos todos unidos, naquilo que cada um faz e vive, como pequenos nós de uma grande rede, um abraço,

*Emmaus e todos*

inteiro de vida, e, na segunda semana, vimos Maria gerar um Jesus *no meio* adulto, maduro, por assim dizer, como o é a Obra que temos diante de nós”.



Jesús Morán e Padraig Smyth (África meridional)

## A Encarnação a que Deus nos conduz

“Não há encarnação cristã sem Maria – explicou o Jesús. Por isso, não há conceção sem Maria [...]. A primeira encarnação é a espiritualidade coletiva, a vida de unidade autêntica, a Obra de Maria (com o mundo a cores e as zonas, que evidenciam a inculturação), os grandes desígnios: o de Chiaretto (Pasquale Foresi), que abraça a Cultura, a Igreja, e o de Foco (Iginio Giordani), que abrange os Movimentos ao largo e os Diálogos. O Diálogo é para nós um grande desafio e deve ser aprofundado. Sabemos que em muitos locais é difícil, mas é um dos grandes contributos da Obra para este mundo globalizado. Neste sentido, gostei muito quando o Luigino Bruni disse que se deve considerar a possibilidade de nos





Peter Forst (Europa Central),  
Geneviève Sanze (Conelho geral)

“juntarmos” a outros movimentos, tendo em vista a encarnação: algumas das profecias de Chiara ultrapassam a própria capacidade do Movimento dos Focolares para se conseguir encarná-la”.

Como ferramenta para “voltar para casa”, a Emmaus ofereceu um escrito de Chiara do dia 16 de julho de 1983, que se refere ao verão de '49: “O Centro da Obra (entendido como o Conselho e os Delegados das Zonas) deve ser Maria, que gera todos os dias Jesus no mundo. [...] Porque, uma vez gerado, Ele é tudo em todos, com o seu Espírito que inspira como se deve desempenhar cada cargo específico na Obra. E é Maria, então, que edifica a sua Obra [...]”.

Tenho a impressão que é a fotografia da experiência que fizemos – comentou a Emmaus – e de como agora devemos enfrentar o resto. Chiara disse que “feito isto, está tudo feito”. Nós aqui fizemos esta experiência, vocês levam-na na vossa carne, no sangue, no coração, em tudo o que são, ali para onde vão”.

E referindo-se a Maria, toda revestida da Palavra, recordou que Chiara começou assim, vivendo o Evangelho e chegou aos confins da Terra. É o que nós podemos fazer também, em pequenos grupos, intensificar a vida da Palavra e densificar a rede da Obra de Maria na Terra. Por fim, evocou a imagem: “um rio de felicidade”, como cantam os gen3. Um rio ‘que já corre nas cidades’ e que deve chegar a todo o lado. Tendo começado na nascente, vai aumentando com a água dos afluentes... Por isso, esta felicidade será cada vez maior”.

*Gianna Sibelli, Victoria Gomez, Benjamim Ferreira*

Em Mariapoli online  
[www.focolare.org/notiziariomariapoli](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli) notícias  
do encontro com breves vídeos e fotogaleria

## Um livro imprescindível

# O nascimento dos Focolares

## História e sociologia de um Carisma (1943-1965)

**No dia 1 de outubro fez-se a apresentação, promovida pelo Instituto Universitário Sophia, no âmbito do Loppiano-Lab 2017**

Um evento editorial, o livro de Bernhard Callebaut, sociólogo belga, focolarino, docente em várias universidades e institutos de formação na Suíça, Itália e, agora, professor catedrático em *Fundamentos de Sociologia*, no Instituto Universitário Sophia. Vinte anos de longa e metódica investigação, uma pesquisa e recuperação de fontes documentais, um mapeamento completo que confere um fundamento sólido à reconstrução histórica e à interpretação sociológica. Publicado em França já em 2010, o livro foi depois

aprofundado e atualizado nesta edição italiana, fruto *in primis* do seu doutoramento, ao qual a própria Chiara Lubich - protagonista incontestável desta obra – demonstrou o seu agrado. Escreveu assim ao autor: “este ... trabalho poderá ser um serviço válido ao Movimento e, portanto, à Igreja”.

A obra, que goza do prefácio de Piero Coda e do epílogo de Salvatore Abbruzzese, foi apresentada na Aula Magna do Instituto perante um público vasto e atento, no âmbito do Loppiano-lab 2017. Um livro esperado, que situa o início do



Movimento dos Focolares no panorama sociológico e na história do século XX. Um livro apreciado, do qual citamos dois comentários idôneos. Maria Voce, presidente do Movimento, exprime-se assim numa carta dirigida ao autor: “Este trabalho (...) amadurecido como fruto da vida ideal e de uma competência sociológica específica, oferece, sem dúvida, um contributo válido para fazer realçar a novidade que o Carisma contém”. Palmira Frizzera, uma das primeiras companheiras de Chiara, não esconde o seu apreço, agradecendo por mail ao autor, “pelo grande tesouro da tua obra-prima que é, e permanecerá, o Documento mais completo da história sagrada de Chiara e de uma Obra realmente de Deus”.

Mas de que se trata? É um trabalho histórico, um livro de ciência, uma crónica bem estruturada de um fenómeno complexo? Piero Coda afirma no prefácio: “é uma abordagem científica geral da história dos Focolares, que até à data ainda não existia. (...) A pesquisa presente, pela primeira vez, constrói e revela um dossiê histórico e interpretativo do fenómeno relevante representado pelo Movimento dos Focolares (...) o trabalho é bem cuidado, pontual, exaustivo tanto quanto é possível (...) irrepreensível e excelente do ponto de vista histórico”.

Jesús Morán, na apresentação, depois de ter analisado os pontos fundamentais do livro, concluiu: “É um livro imprescindível. Tem uma dignidade académica enorme... Porque, efetivamente, estamos perante uma investigação do acontecimento do Movimento dos Focolares no seu contexto socio-histórico e eclesial”. Uma história apaixonante que, como também acrescentou posteriormente, em certos momentos se lê “como se fosse um *thriller*, (...) para além de que quase existem momentos cinematográficos”.



O próprio autor, na intervenção que precedeu a mesa redonda, na qual participaram, também, Sharhzad Houshmand e Tiziano Vecchiato, sublinhou: “as sociedades digerem com dificuldade as grandes mudanças revolucionárias e existe sempre uma certa inércia neste processo. Mas, ao mesmo tempo, a sociedade está constantemente a mudar. Pode ler-se, também, a história do Movimento dos Focolares nes-

ta perspetiva: nos anos quarenta e cinquenta, em Trento e em toda a Itália, os Focolares foram considerados como um fator de mudança incompreensível, um elemento perturbador; sobretudo no âmbito eclesial, e foi recebido de formas muito diferentes. Chiara Lubich estava consciente disso. Tendo sido posta à prova durante um longo período, escolheu gerar uma “mudança”, oferecer uma profecia, mas a partir do interior, consciente de que o Carisma não abolia os dons do passado mas que se enxertava neles e, de algum modo, os regenerava”. Foi o que salientou, também, o sociólogo Tiziano Vecchiato, presidente da Fundação Zancan (Pádua): Chiara geriu “delicadamente” este Carisma. “Naqueles anos existia o risco de que esta força inovadora, geradora, pudesse ser destrutiva, de algum modo, mas, pelo contrário, na submissão à Igreja e na aceitação das dificuldades, pôde florescer”.

No final da mesa redonda, Piero Coda, diretor da coleção *Per-corsi* de Sophia, concluiu assim: “estou contente que esta coleção, que é honrada, agora, pela presença deste quarto volume, nos dê a possibilidade de manifestar, também, qual é a missão de Sophia, o Instituto universitário que Chiara quis criar, para que fosse um lugar onde se pudessem aprofundar, com discernimento crítico aberto, as temáticas que dizem respeito ao Movimento dos Focolares e que o ajudam a atualizar-se”.

Lia Bigliardi Parlapiano

## Em Montet

# Crescem os «homens-mundo»

**Na Suíça, perto de Friburgo, na cidadela “Foco”, com Maria Voce e Jesús Morán, em contacto com uma realidade dinâmica, enriquecida agora por duas escolas para as e os Gen**



Do dia 12 a 16 de Outubro, um céu muito azul acompanhou a visita da Emmaus, Jesús, Frederika Koller e Àngel Bartol, à Mariápolis Foco, que, cidadãos entre todos, com amor e sabedoria partilharam a vida. Ao lado deles, estiveram sempre Franco Galli e Denise Roth com Markus Naef, o novo responsável que vai substituir o Franco, de partida para Loppiano. Foram dias repletos de alegria, fruto dos “diversos rostos da unidade”, como exprimiu Jesús na conclusão, que iluminaram percursos e realidades da Cidadela. Revivamo-los juntos.

### Com os formadores

Com a abertura da escola Gen feminina, as dinâmicas da vida na Cidadela enriqueceram-se com uma expressão adicional de convivência entre as gerações, em todos os aspectos: trabalho, apostolado, atividades recreativas, etc... A proximidade “natural” das e dos Gen na Cidadela – que este ano são 31 – surge como uma ocasião

### Com a comunidade



única para os habitantes fazerem uma “escola de relacionamentos”, enriquecida por novas tonalidades, colocando a confiança recíproca na base dos relacionamentos.

Deu muita alegria o encorajador convite da Emmaus a “não querer evitar as dificuldades, mas olhar para o Alto e favorecer o crescimento na radicalidade da doação”.

No programa de formação das escolas Gen foi salientada a centralidade da vida do Evangelho, que faz florescer neles um relacionamento pessoal com Jesus.

Jesús sublinhou que “o objetivo fundamental da formação, numa altura em que faltam verdadeiros mestres: mais do que transmitir muitos conceitos, é dar-lhes critérios de discernimento, que se adquirirem na idade jovem”.

### Com os focolarinos e com as focolarinas de partida para as Zonas

Uma comunhão intensa caracterizou os dois encontros com as Escolas das Focolarinas e dos Focolarinos. Uma hora de focolar, na qual cada um contou a vida destes anos de formação, nos quais o trabalho de Deus os fez amadurecer, pessoal e coletivamente. “Ele chamou-nos como somos e é assim que nos quer, todos seus, para a realização do “Ut Omnes”. A experiência com os textos do *Paraíso* foi fundamental, um salto de qualidade. O culminar da nossa formação. E – como a Emmaus

e Jesús nos desejaram – esta realidade será a estrela que vai guiar toda a nossa vida de focolar”.

### Com a comunidade

Um povo multicolorido, de todas as idades, reuniu-se para passar uma tarde com a Emmaus e o Jesús. De proveniência cosmopolita: suíços, iraquianos, sírios, refugiados de várias nações e religiões, de diversas Igrejas cristãs, representantes de uma humanidade que encontrou uma casa, uma família na Cidadela. Muitos apresentaram-se, espontaneamente, com liberdade, deixando transparecer a potencialidade enorme que representam para a Cidadela. “Como é que nos podemos tornar uma comunidade quando não estamos em Montet?” – pergunta Rachel, a quem a Emmaus respondeu, evidenciando a importância de que cada um dos presentes “seja um nó desta rede e testemunhe o mesmo amor para com quem lhe passa ao lado”.

### Com os residentes na Cidadela

Na presença daqueles que habitam na Cidadela de um modo mais estável, a Emmaus apresentou o tema do ano sobre Maria, seguido de um momento de comunhão profunda, na simplicidade de se poder dividir tudo. O Jesús sublinhou que “para se encarnar, sobre a base de Jesus no Meio, que é o nosso específico, “um punhado de experiências” faz milagres e é necessário. Sem esquecer que o ponto de partida é o “mergulho” em Jesus Abandonado: esta é a base da encarnação e é fundamental para todos os aspectos”.

### Com as duas escolas Gen



Maria Voce com Palmira Frizzera

Um momento “histórico”: pela primeira vez em Montet, duas escolas Gen encontram-se com a Emmaus e com o Jesús. Três horas de conhecimento recíproco nas quais os e as Gen expuseram alguns desafios da vida atual, os seus desejos e expectativas. Surgiu a pergunta se existe um perfil específico para se ser Gen, porque, por vezes não se consegue responder à imagem de um

“Gen ideal”. O Jesús esclareceu: “um Gen não segue Jesus sozinho. Recebe o chamamento a ter Jesus no meio, portanto, é preciso encontrar uma forma de vida de unidade. A vida Gen não é um facto individual. A forma, descobri-la-eis, talvez inventando-a, mas o princípio deve ser claro”.

E a Emmaus: «Será um ano importante. Descobrir a beleza das outras nacionalidades e, assim, pode-se realizar o “homem mundo”, que Chiara espera que os Gen se tornem. Dilatar o coração e torná-lo capaz de conter a humanidade. Depois Deus utilizar-vos-á, com estas qualidades, onde Ele quiser, pelo mundo fora”.

*Denise Roth, Franco Galli*

Com as escolas das e dos Gen



# Universidade Popular Mariana

## Reiniciar com dinamismo e paixão

A 37 anos da sua fundação, o foco sobre a “universidade popular”, tão desejada por Chiara. Um olhar sobre a sua história, um retrato da sua experiência atual, algumas pistas para o futuro. A mensagem de Maria Voce e de Jesús Morán

Imaginem as paredes da sala C, do centro Mariápolis de Castel Gandolfo, tapetadas de folhas enormes, cheias de post-it, com sublinhados e setas coloridas e, na sala, um grande grupo de pessoas entusiasmadas e motivadas. Foi o que se pôde ver no final do encontro de trabalho, que decorreu do dia 20 ao dia 22 de outubro, e reuniu cerca de oitenta responsáveis pela nossa Universidade Popular Mariana, vindos de todo o mundo.

Um olhar sobre a história da UPM – um retrato da sua experiência atual – pistas para o seu futuro. Estas são as três etapas que preencheram os diversos momentos de um encontro dinâmico e participado.

A mensagem da Emmaus e do Jesús, lida na abertura (ver ao lado) indica a importância deste instrumento tão desejado por Chiara, com o qual “envolver a Obra inteira a dar



espaço ao anil e enfrentar “devidamente preparados” – diríamos hoje – os desafios do mundo contemporâneo”. Olhou-se com gratidão para o património dos cursos realizados e para os frutos destes 37 anos e reemergiu-se, primeiro que tudo, nas inspirações fundadoras que levaram à fundação desta universidade.

Graças às muitas respostas a um questionário enviado às zonas, antes do encontro, pôde-se traçar um quadro objetivo e atual da UPM, com os seus pontos fortes e fracos, as apreciações críticas e as suas potencialidades. Em dois *workshops* muito interessantes recolheram-se as imensas ideias dos participantes para melhorar, eficazmente, os atuais pontos fracos da UPM e delinearum-se projetos concretos, a



## A mensagem de Maria Voce e de Jesús Morán

Rocca di Papa, 18 de outubro de 2017

Caríssimas e caríssimos,

Estamos a 37 anos daquele 15 de outubro de 1980, dia da fundação da Universidade Popular Mariana!

Aqueles de nós que estavam presentes lembram-se da alegria de ver Chiara envolver toda a Obra a dar o devido espaço ao anil, para enfrentar “devidamente preparados” – diríamos hoje – os desafios do mundo contemporâneo.

Impulsionava todos, com sabedoria e determinação, a atuar o que estava escrito nos *Estatutos Gerais da Obra de Maria*, que referem assim: “Os membros da Obra devem ter uma formação catequística de base. Além disso, devem possuir uma formação cultural, teológica e profissional atualizada e melhorada, adequada ao seu estado de vida e à sua vocação. Para isto, a Obra de Maria organiza cursos e escolas de formação e atualização catequística, teológica e cultural” (Artº 65-66).

A Assembleia Geral de 2014 incluiu, também, a “formação espiritual e cultural” entre as prioridades a seguir para melhor oferecer a luz do Carisma. Para além disso, no recente encontro dos delegados da Obra, reiterou-se a necessidade absoluta de se

estudar, como bagagem adjuvante para a sabedoria.

É providencial que este vosso encontro aconteça no início do ano dedicado a Maria, no qual se pensa aprofundar também os aspectos do Azul e do Anil, tão sintonizados com Ela “Sede da Sabedoria e Dona de casa”.

Sabemos que Chiara deu origem a uma escola de pensamento, reconhecida a nível internacional, com base na Luz do Paraíso de 1949. Já se fizeram muitos encontros para se proceder à leitura e ao estudo destas páginas. No entanto, estamos convencidos que isto se deve apoiar numa vida de unidade autêntica e sobre uma “bagagem” de noções indispensáveis da Escritura e Tradição, sobre o conhecimento de elementos relevantes do Magistério e da reflexão teológica e cultural. A própria Chiara, na Escola Abbà, em 24 de Janeiro de 2004, explicou: “A nova doutrina contém as outras... A ‘bagagem’ não tem, apenas, o objetivo pedagógico de poder expor a nova doutrina que daí nasce, confrontando-a com aquilo que se disse até agora. Mas é parte integrante dela (não posso ter a copa da árvore se não tiver os ramos, o tronco e a raiz)”.

Bom trabalho! Asseguramo-vos a nossa unidade, para que a reflexão conjunta durante as várias sessões do programa assinala um consolidado passo em frente, na atualização do desígnio de Deus sobre a UPM.

curto e médio prazo, para a sua renovação e atualização, visando as necessidades da Obra “em saída”.

“Compreendemos o seu papel como um adjuvante importante da Sabedoria. Partimos com dinamismo e paixão”. – escreveram os participantes à Emmaus e a Jesús.



O programa da UPM é acompanhado pelo aprofundamento do tema do ano. As aulas, que se podem seguir via *streaming*, abrem perspectivas de conhecimento sob vários pontos de vista. Este ano, com o título “Maria, mulher do Evangelho” vai passar-se da iconografia à visão das diversas Igrejas. Do comentário ao texto do Magnificat de Martin Lutero, às perspectivas antropológicas, num ciclo de aulas de novembro de 2017 a abril de 2018.

*Renata Simon, Francisco Canzani*

## Programa UPM 2017/2018 Maria, a mulher do Evangelho

### 1ª AULA | 4 NOVEMBRO 2017

«Os vários retratos da mãe de Jesus no NT». PHILIPPE VAN DEN HEEDE

«Para compreender Maria, mulher hebreia. Percursos no feminino no AT». GIOVANNA MARIA PORRINO

### 2ª AULA | 9 DEZEMBRO 2017

«Maria, flor da humanidade: Os dogmas marianos». BRENDAN LEAHY

«Maria na tradição iconográfica: algumas indicações na pesquisa sobre a devoção mariana nas várias expressões da arte». MARTA MICHELACCI

### 3ª AULA | 20 JANEIRO 2018

«Maria e a Igreja, segundo o Concílio Vaticano II». MICHEL VANDELEENE

«Um comentário sobre o texto de Martin Lutero sobre o Magnificat». MARILÜ FISCHER

### 4ª AULA | 10 FEVEREIRO 2018

«O lugar de Maria na tradição anglicana: uma reflexão ecuménica». CALLAN SLIPPER

«Maria na perspectiva da Igreja Ortodoxa». REV. AUGUSTINOS BAIRACTARIS

### 5ª AULA | 7 ABRIL 2018

«Maria, modelo humano-cristão. Perspetivas antropológicas». IR. TIZIANA LONGHITANO

«Maria, modelo para uma Igreja sinodal». IR. TIZIANA MERLETTI

*Para o streaming: [live.focolare.org/upm](http://live.focolare.org/upm)*

## Do Canadá Soirées-échanges

### Uma novidade no estudo da UPM, no Quebeque

Impulsionados pelo desejo de atuar o lema “sair juntos, devidamente preparados” – depois do encontro dos Delegados da Obra, do ano passado – a comissão local da UPM lançou um desafio.

Desde há algum tempo que se sentia a exigência de se encontrar uma fórmula nova para que as aulas da UPM contribuíssem para a “inculturação”, aproximando-se das problemáticas da realidade local. Assim, nasceram as “Soirées-échanges”, encontros mensais de duas horas, abertos a todos, nos quais – à luz do programa da UPM (os rostos de Jesus Abandonado na nossa sociedade) – se enfrentam argumentos que respondam às perguntas atuais, reservando um espaço alargado ao diálogo entre os participantes. Uma ligação via internet permite que também os de mais longe possam seguir o programa. Estabelecemos um calendário de oito noites, de 21 de abril de 2017 a 19 de janeiro de 2018 e, até agora, a participação foi maior do que o previsto. Também intervêm especialistas não pertencentes ao Movimento: na segunda noite, por exemplo, Jonathan Guilbaut, editor delegado da Editora Novalis, falou da difícil mediação, entre a conservação de uma língua (o francês) e da própria cultura, no Quebeque, e o acolhimento e integração de muitos imigrantes que chegam a esta região.

Esta “fórmula” nova dá-nos a oportunidade de convidar pessoas novas, num número cada vez maior.

*Annie Bréchet, Paolo Dalla Fontana*

## EM DIÁLOGO

Pelos 500 anos da Reforma

# Conhecer-se para poder compreender-se

Um Seminário de estudos ecumênicos nos locais onde Martin Lutero viveu. Foram 52 os que se puseram a caminho para descobrir as raízes e intenções deste reformador, que «não queria dividir a Igreja».

O ambiente acolhedor do Centro Mariápolis de Zwochau, próximo dos principais lugares da Reforma luterana, foi o melhor enquadramento que possibilitou, a católicos e evangélicos, ver juntos a história, com olhos novos.

A primeira etapa do seminário - que foi promovido pelo Centro «Uno» para a unidade dos cristãos - foi em Wittenberg, cidade que viu Lutero, enquanto monge, chegar a ensinar teologia na pequena universidade, e pregar em Marienkirche (Igreja de Santa Maria). Nesta cidade viveu mais tarde, apoiado pela sua esposa Katharina von Bora.

O pastor luterano Stefan Günther, docente no Instituto para a formação dos futuros pastores, introduziu o grupo de viajantes no conhecimento dos complexos relacionamentos de Lutero com as autoridades eclesiásticas. Ele considera que a divisão que se criou foi motivada sobretudo pela incompreensão entre as várias culturas, que foi aproveitada para interesses políticos.

Quando visitaram a universidade e a Lutherhaus (o grande conjunto do mosteiro agostiniano, onde Lutero viveu com a sua família), penetraram em muitos detalhes da

Em Wittenberg, com o pastor luterano Stefan Günther (à esq.)



A casa de Lutero, em Wittenberg

história, a qual, como afirma o documento Do conflito à comunhão<sup>1</sup>, não podemos modificar, mas sim «narrar de maneira diferente».

Em Erfurt, acompanhados pela pastora Mildenerger, membro do Ordo Pacis (comunidade contemplativa evangélica feminina), visitámos o amplo conjunto do convento dos Agostinianos, onde Lutero fez o seu noviciado, pronunciou os votos e celebrou a primeira missa.

Justamente nesse ambiente, tivemos um inesperado encontro com o bispo luterano Munib Younan - que até há poucos meses era presidente da Federação mundial luterana - que convidou o Papa Francisco a ir a Lund, para começar em conjunto as

<sup>1</sup> Documento da Federação luterana mundial e da Igreja católica para os 500 anos da Reforma

## Segundo o espírito de Lund Algumas iniciativas fora da Alemanha

celebrações dos 500 anos da Reforma luterana. O bispo pediu-nos logo que levássemos as suas saudações à Emmaus, e, quando lhe dissemos que, como Movimento dos Focolares, levaríamos para diante o «espírito ecuménico de Lund», ele exclamou: «Conto convosco!».

Durante o Seminário (22-26 agosto), com meditações de Chiara Lubich, aprofundámos vários pontos da espiritualidade da unidade. Estas meditações foram introduzidas por pessoas de diferentes Igrejas. Uma base para a construção da unidade entre todos foi a partilha de experiências das palavras do evangelho, que todos os dias se escolhiam como lema. Os participantes tomaram consciência de que devem ser portadores da vida de Jesus no meio (Mt 18,20), para serem construtores de «células vivas», no âmbito das suas Igrejas e entre as Igrejas.

Um ponto central foi o tema de Hubertus Blaumeiser, teólogo e especialista da «teologia da cruz» de Lutero. Ele pôs em evidência aspectos que são considerados polémicos: Maria, a Eucaristia, a Igreja. À luz da espiritualidade da unidade, encontrou linhas de convergência úteis para abrir novas perspectivas de diálogo.

Os ecos dos participantes confirmaram que o seminário foi muito produtivo: «Se no passado

Na **Mariápolis «Fiore» da Polónia**, o quinto centenário da Reforma celebrou-se com a seguinte questão: quais são as riquezas que os cristãos conseguem apreciar nas igrejas que são diferentes da sua?

No início de setembro, os habitantes da Cidadela convidaram pastores da Igreja reformada e sacerdotes católicos, e académicos. Uma focolarina que viveu em Ottmaring partilhou a experiência feita na Cidadela e conversaram sobre aspectos da

não houve relacionamentos para que nos compreendêssemos, agora temos que dedicar-nos a voltar a tê-los, pois só assim alcançaremos a unidade».

Foi uma viagem realizada segundo o espírito de Lund. Esta experiência insere-se na multiplicidade de iniciativas do quinto centenário, que deseja sobretudo «receber a dádiva do outro como uma oferta também para mim» (ver *Evangelii Gaudium* n.246).

Tudo no estilo de vida ecuménica para a qual a espiritualidade da unidade nos habilita, e a que a Emmaus e o Jesus nos voltaram a convidar com a Declaração de Ottmaring<sup>2</sup>.

*Maria Wienken*

2 Ver: Declaração de Ottmaring: Noticiário Mariápolis 3-4/2017; Semana Ecuménica: conferência telefónica CH junho 2017 <http://collegamentoch.focolare.org/2017/06/17/camminando-insieme-cristiani-sulla-via-verso-lunita/>, Mariápoli 5-6/2017

Erfurt, mosteiro dos Agostinianos.

Foto de grupo com o bispo luterano Mubid Younan





«Declaração de Ottmaring», da necessidade de conversão dos corações para se «pensar ecumenicamente». Uma das participantes contou como foi a peregrinação ecuménica polaco-alemã, que já desde há 5 anos se faz entre Gniezno (primeira capital da Polónia) e Magdeburgo (Alemanha), cujos frutos consistem em relacionamentos de amizade, que contribuem para sarar as feridas que existem entre polacos e alemães, entre católicos e luteranos. Na conclusão, uma sentida oração de Chiara: «[...] sentimos necessidade de pedir-te, ó meu Deus, em nome dos cristãos de todos os tempos, perdão, porque dividimos as Tuas vestes em pedaços...»<sup>3</sup>. Despedimo-nos com a interrogação, que ao mesmo tempo é um compromisso: «Na Polónia, o que é que nós podemos fazer pelo ecumenismo?».

**Em Curitiba, no Brasil** de 1 a 3 de setembro, realizou-se o Simpósio mariológico ecuménico pelos 500 anos da Reforma e pelos 300 do Santuário da Aparecida. Foi uma iniciativa da Comissão para o ecumenismo da Conferência nacional de bispos (CNBB) e do Diálogo luterano-católico do Brasil. Teve a participação de bispos católicos, pastores luteranos, especialistas em ecumenismo, teólogos, sacerdotes e um significativo número de leigos, sendo a participação do Focolar numerosa e variada. O tema central foi o Comentário sobre o Magnificat de Lutero, recém-publicado numa coedição luterano-católica. Convidado pelo bispo D. Biasin, presidente da Comissão para o ecumenismo, o Hubertus Blaumeiser apresentou duas conferências sobre Lutero, como introdução, que foram um convite a olhar para a figura do reformador e, para os luteranos de modo especial, foi um estímulo e um convite a conhecê-lo e estudá-lo com maior profundidade.

Depois do Simpósio, teve lugar na **Mariópolis Ginetta** uma noite cultural acerca de Lutero, que foi transmitida em streaming para todo o Brasil e seguida em 650 pontos de escuta. Além do Hubertus, estiveram presentes os bispos metodistas Nelson Leite e Adriel De Souza, o Presidente da Câmara de



Em Estrasburgo, França, um grupo dos Focolares participou nos eventos de «Protestantes em festa, viver a fraternidade». Fotografia da conferência sob o título «O que nos divide, o que nos une»

Vargem Grande e pessoas de diferentes Igrejas. Este momento luminoso foi também vivido pelos jovens, que se interessaram por descobrir os tesouros que as diferentes tradições cristãs conservam e que oferecem a todos.

**Na Irlanda, em Dublin**, por iniciativa da Igreja luterana local e do Movimento dos Focolares, um grupo de cristãos de Igrejas diferentes, acompanhados pelo pastor Martin Sauter e por Joan Patricia Back, do Focolar, estudou o documento «Do conflito à comunhão».

Durante a «Semana ecuménica Bíblica» esta colaboração prosseguiu em **Arklow**. Em **Limerick**, numa jornada de estudo sobre Lutero, o bispo Brendan Leahy tratou o tema «Do conflito ao diálogo».

**Na América do Sul**, a unidade entre os cristãos continua a crescer também devido aos espaços de partilha que se vivem segundo a espiritualidade da unidade. **Em Santiago do Chile** provocou uma grande emoção a presença do cardeal Ricardo Ezzati na igreja luterana do Redentor, o qual, sob a estátua de Lutero, tomou a palavra durante a cerimónia conjunta, que dava início à celebração jubilar. Em **Mendoza, na Argentina** deu-se um especial relevo aos 500 anos da Reforma durante a Semana de oração pela unidade dos cristãos, que se realizou na festa de Pentecostes.

Também **na Venezuela** se realizaram várias celebrações, para as quais fomos convidados e que nos deram a oportunidade de estreitar os relacionamentos com os pastores e outras pessoas das igrejas luteranas, e não só.

*Editado pelo Centro «Uno»*

## Espanha

# Ir à raiz do diálogo

**Os membros do Movimento dos Focolares em Espanha, diante da iniciativa do referendo para a independência da Catalunha. Uma corajosa e sofrida experiência de diálogo concreto, sem marcha-atrás**

O independentismo da Catalunha é uma corrente social, cultural e política que defende a sua independência como estado soberano. Este processo sofreu uma aceleração com a organização do referendo, que foi declarado ilegal pelo governo central de Espanha e que, apesar disso, se realizou no dia 1 de outubro passado.

A confrontação entre as partes levou-nos também a encarar este assunto na Obra.

Pela rapidez cada vez maior dos acontecimentos, deparámo-nos com a necessidade de reforçar o nosso compromisso pelo diálogo. Mas como conseguir encontrar expressões que todos partilhassem? As posições, sem dúvida polarizadas anormalmente pelos meios de comunicação, e a interpretação sobre a legalidade/ legitimidade desse referendo, tornavam



<http://anmamappa.com/spagna/>

difícil a questão e em nós entrelaçavam-se sentimentos contrastantes.

Com o Conselho da zoneta, de que fazem parte membros do Movimento de várias regiões de Espanha, através de um exercício de sinceridade e transparência, foi posto para ser analisado um esboço de carta a ser enviada a todas as pessoas do Movimento. Olhava-se de frente a profunda ferida que descobríamos que existia entre nós, mas procurando encontrar juntos um caminho a percorrer.





O conteúdo expressava o desejo de sermos fiéis ao Pacto de amor recíproco e a necessidade de o traduzir em comportamentos de respeito, de compreensão das razões do outro, de diálogo com todos. Além disso, fazia referência à unidade e à diversidade, que são dimensões ligadas inseparavelmente à própria vida de Deus, na qual fixar o nosso olhar, para sermos ajudados quando partilhamos ideias, sentimentos, propostas. Quando a enviámos aos internos, desencadeou-se uma partilha franca, dolorosa e, ao mesmo tempo, construtiva. A carta punha sobre a mesa o problema e permitia que o encarássemos em conjunto. Constatávamos, no entanto, que muitos de nós, ainda que habituados a pôr em prática na vida quotidiana o diálogo, nesta circunstância concreta não conseguíamos perceber como agir. Havia quem quisesse perguntar: «Tu, de que lado estás?», e quem não se exprimisse, por temor de aumentar as divisões. Ou quem publicava no Facebook opiniões beligerantes e excludentes.

Víamos que todos queriam viver o Ideal, mas perante este desafio era preciso seguir um caminho que antes não tínhamos percorrido e experimentávamos a dificuldade.

Com o clamor cada vez mais intenso dos meios de comunicação pela aproximação do referendo, uma voluntária, que faz parte do Conselho, escreveu no WhatsApp: «Tenho a estranha sensação de que estamos a viver em dois mundos paralelos. O que está a acontecer na Catalunha e, portanto, em Espanha, é muito grave. Onde é que estão? Sinto-me triste porque vos sinto longe». Este apelo ativou

uma partilha nova e intensa, da qual nasceu a necessidade de assumir uma intervenção pública. Mas era difficilíssimo pormo-nos de acordo. O que para alguém era irrenunciável, para outro era inadmissível. Parecia um fracasso. Entretanto outras Associações e Movimentos publicavam as suas mensagens.

O que diz o Papa no n.228 da *Evangelii Gaudium* ressoou em nós com muita força. Estava programada uma reunião do Conselho de zoneta. Considerámo-la a ocasião privilegiada de comunhão, pois estaríamos presentes todos juntos. Deixámo-nos acompanhar por Chiara Lubich, através da meditação de dois textos do Paraíso: «Olhar para todas as flores», «Para receber aquele que é Tudo, é preciso

### *Da Evangelii Gaudium*

228. Deste modo torna-se possível desenvolver uma comunhão nas diferenças, que pode ser facilitada só por pessoas magnânimas, que têm a coragem de ultrapassar a superfície conflitual e consideram os outros na sua dignidade mais profunda. Por isso é necessário formular um princípio, que é indispensável para se construir a amizade social: a unidade é superior ao conflito. A solidariedade, entendida no seu mais profundo e desafiante significado, torna-se desta forma um estilo de construção da história, um âmbito vital onde os conflitos, as tensões e os opostos podem alcançar uma unidade multifacetada que gera nova vida. Não significa apostar no sincretismo, nem na absorção de um no outro, mas na resolução num plano superior, que conserva em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste.

ser-se o Nada». Seguiu-se a comunhão em pequenos grupos, o que renovou a presença de Jesus no meio. Assim pudemos enfrentar o tema de «como Movimento, fazer uma intervenção concreta em relação a esta histórica situação».

Para elaborar um texto que pudesse ser subscrito por todos e sendo cerca de quarenta pessoas, seguimos este método: sugerimos que fossem feitas propostas de mudança ao último esboço de texto redigido. Houve três propostas. Depois escolhemos por votação o título, o texto e, por fim, a assinatura. Depois de cada votação dava-se possibilidade a quem fosse minoria de explicar o motivo do seu voto contrário. Assim, conseguimos perceber melhor todas as posturas e, depois, com um levantar de mãos para aprovar, o que foi seguido pela explosão de um caloroso aplauso.

Resultou uma espécie de manifesto, traduzido nas quatro línguas oficiais, que propunha que cada pessoa assumisse individualmente o compromisso do diálogo. Por isso lançou-se também uma campanha nas redes sociais com o hashtag #SoyDiálogo (SouDiálogo).

Os acontecimentos sociopolíticos continuam a sua frenética corrida. Cada membro do Movimento tenta intensamente ser construtor de paz e de diálogo. Entre nós vamos descobrindo a riqueza da capacidade de escuta, de perdão, de lucidez. Mas nem sempre é fácil manter essa atitude de acolhimento, de não pretender defender a todo o custo a sua visão pessoal, de aceitar os erros dos outros com misericórdia. O caminho ainda é longo, mas sentimos-nos dentro de um «doloroso tempo de graça», que nos torna conscientes de quem somos nós, mas também daquilo que é o Carisma! Caminho

## Na Universidade de Friburgo

# Entre reflexões e praxis entre ciência e vida

Um *workshop* interdisciplinar sobre «convergências, diferenças e prespetivas no diálogo cristão-islâmico» fruto de uma longa história de relacionamentos, amizades e dedicadas colaborações por parte de pessoas do Movimento a vários níveis



O prof. Mokrani, o prof. Schmid, o prof. Specker

«A colaboração com o Movimento dos Focolares deu-nos a possibilidade de ligar o empenho académico com aquele social e existencial». Disse-o o professor Mariano Delgado da Universidade de Friburgo, na Suíça, no fim de um *workshop* interdisciplinar sobre as convergências e as diferenças e as prespetivas no diálogo cristão-islâmico, realizado de 21 a 23 de setembro na mesma Universidade de Friburgo. Nos três dias do encontro participaram uma centena de académicos de diversas universidades europeias. Era a primeira vez que o Movimento, na Suíça, era tomado em consideração como partner no diálogo interreligioso, a nível académico.

que nos dá a possibilidade de crescer e aprender. Que nos torna mais conscientes daquilo que estão a viver os nossos irmãos do Ideal em muitas localidades do mundo. Com total confiança prosseguimos o caminho.

Margarita Gomez, Juan Badia

O workshop foi organizado por duas das realidades da prestigiosa Universidade de Friburgo: o «Instituto para o estudo das religiões e do diálogo interreligioso» presidido pelo prof. Delgado e o «Centro Suiço para o Islão e a Sociedade» com o seu diretor Hans-Jürg Schmid. «O trabalho mais difícil - disse este último - é, sem dúvida, falar do outro olhando-o frente a frente».

O workshop fez esta tentativa e parece que correu realmente muito bem. No decurso dos três dias pôde-se perceber, nos participantes, um crescendo de atenção ao outro e de um recíproco coenvolvimento. Na base deste clima estava sem dúvida também a longa história de relacionamentos, amizades e colaborações dedicadas por membros do Movimento a vários níveis: a comunidade de Berna e o contributo dado no «juntos pela Europa», as experiências de diálogo interreligioso de sacerdotes focolarinos, do contributo de um grupo de estudos (Cluster), que nasceu na Universidade de Innsbruck, na Áustria, há alguns anos.

Nesta atmosfera de abertura, de respeito e de esforço para uma mais profunda compreensão do outro, um teólogo cristão podia falar da «inimitabilidade do Corão» e um professor muçulmano podia abordar o argumento da «morte e ressurreição de Jesus Cristo, numa perspectiva islâmica». Os contributos dos



O prof. Delgado

diversos membros do Movimento não foram só as experiências de vida, mas também elementos da nossa espiritualidade apresentados com uma linguagem científico-acadêmico, como por exemplo a intervenção de Fulvio Gamba, sacerdote focolarino, que apresentou a figura de Jesus Abandonado como chave do verdadeiro diálogo».

No fim do encontro foi comunicado que este workshop era só o início de uma colaboração com a Universidade de Friburgo, mesmo se as modalidades e os próximos passos ainda estão por se entender juntos. Bela a constatação de que o evento não foi só de caráter interreligioso, mas teve uma valência ecumênica, pois que a preparação foi feita por cristãos de diversas Igrejas.

«Aprendemos - concluiu o teólogo Roman Siebenrock, de Innsbruck - que o diálogo e a integração na Europa mudam de País para País. Permanece, contudo, importante por todo o lado, o encontro pessoal com o recíproco esforço de se compreenderem. O contributo do Movimento dos Focolares, com o seu carisma da unidade, fez refletir até os peritos em reflexões».

*Annemarie Imhasly, Johannes Vetter*



O prof. Schmid com a dra. Rifa'at Lenzin





## Comunhão e Direito em Praga Uma Law School multicultural

**Este ano a Law School quis ser, em primeiro lugar,  
uma «prova de diálogo e de experiência multicultural»**

Em Praga (de 31 de agosto a 3 setembro) as presenças já diziam multiculturalidade: Brasil, EUA, Arábia Saudita, Costa do Marfim, Madagascar, Hungria, Roménia, Itália. E estava também uma jovem de religião muçulmana.

Aberta a estudantes e profissionais, a Law School, com o título «Sociedade multicultural e direito: da fragmentação para a unidade» foi uma nova etapa, precedida por outras sete escolas de verão, realizadas em várias nações da Europa.

Vimos um verdadeiro «laboratório» de diálogo, confronto e aprofundamento, ao lado de uma comunhão de vida.

Uma novidade é ter procurado oferecer, através dos discursos de Chiara Lubich nas várias sedes internacionais, como Onu e Unesco, as «linhas para o direito», segundo uma perspectiva renovada pelo Ideal. Os textos de Chiara foram «fonte direta» e «instrumento» de trabalho para os jovens, também nos workshop, com a única mediação de algumas experiências, que mostrassem com a vida que a mensagem de Chiara não é utopia mas uma realidade possível.

A atenção em ouvir tocou-nos pela sua profundidade, pensando que muitos daqueles jovens se encontravam pela primeira vez. Foi precisamente a atitude de escuta que muito facilitou o diálogo, para o qual nos tínhamos preparado, iniciando com pequenos grupos para

nos conhecermos, para depois abordar no workshop, juntos, os temas jurídicos: a fraternidade, a paz, as relações internacionais.

Uma decidida adesão ao pensamento de Chiara e um esforço por procurar elementos para construir categorias jurídicas iluminadas pelo carisma. Experimentámos realmente a valência universal de Chiara, ao ponto que Christina, proveniente dos EUA e no seu primeiro contacto com CeD (Comunhão e Direito), nos disse que a fraternidade deveria também ser inserida na normativa americana.

Nesta moldura, o diálogo foi profundo, na escuta mais autêntica, ultrapassando as diferenças religiosas e de pensamento, tanto que um jovem, no seu primeiro encontro com CeD, disse: «um diálogo assim é muito raro, mas muito bonito, escuta e acolhe cada um, até com todas as possíveis diferenças».

Uma gen, no segundo ano de Jurisprudência, que partilhou pela primeira vez a nossa experiência: «Encontrei a resposta para algumas perguntas ... gostei muito do ambiente extremamente estimulante, quer ao nível das várias intervenções quer pela presença de pessoas



de muitos lugares diferentes. Foi forte o incentivo para continuar a estudar com paixão porque, realmente, além dos exames há um mundo inteiro que se move e nos envolve».

Uma jovem no primeiro contacto: «A Summer school (Escola de verão) superou as minhas expectativas. Deu-me a carga de bateria para retomar as atividades quotidianas com muito mais estímulo e com a consciência de partilhar com outras pessoas um percurso de procura enriquecedora e inovadora».

Uma jovem pré-voluntária: «Dei-me conta que me foi dada a possibilidade de aprofundar argumentos que não abordamos no meu

trabalho. Reencontro a coragem de falar de fraternidade com os meus colegas».

Pareceu-nos ter colocado as primeiras bases para um trabalho, pedido também pelos jovens em rede, com o desejo de Chiara: «Porque o futuro do mundo, creio, a sua capacidade de progredir, de encontrar as soluções para os seus conflitos, para as suas crises, depende unicamente da tomada de consciência dos indivíduos e do empenho das pessoas. Não podemos contar unicamente com as instituições, mas devemos oferecer, através das instituições, momentos, ocasiões para poder desenvolver estas convicções».

*Adriana Cosseddu*

## Em Manaus, no Brasil

# Direito e fraternidade na procura de realizações

Três dias de encontro em Manaus, de 25 a 27 de agosto, envolveram e apaixonaram 470 pessoas e 10 faculdades de Direito, das universidades da cidade e da Amazônia

O tema da fraternidade no direito já foi particularmente aprofundado, nos últimos dez anos, nas universidades brasileiras. Realizaram-se centros de estudo sobre estes temas e, em 2018, o Núcleo de pesquisa sobre Direito e Fraternidade das Universidades Federais de Sta. Catarina vai festejar dez anos de atividade.

Este congresso, o terceiro realizado para o Norte-Nordeste do Brasil, permitiu prosseguir um caminho e envolver outros docentes e estudantes, pondo ao lado dos aprofundamentos doutrinários sobre a fraternidade, como categoria jurídica, o aspecto do testemunho de como se quer vivê-la nas aulas judiciais. Esforçamo-nos por inseri-la nas interpretações das normas, no texto dos atos



processuais. Significativos os painéis sobre: «o ensino do direito e da fraternidade, a fraternidade e a transformação social», com particular referência à proteção dos menores e adolescentes; a fraternidade dirigida às comunidades necessitadas.

E, precisamente para dar concretização à fraternidade, foi pedido aos congressistas para fazerem um pequeno gesto: dar um pacote de leite a um centro para menores, em dificuldade.

## Health Dialogue Culture no Brasil «Promover a saúde global»

Realizou-se em São Paulo, no Brasil, de 7 a 10 de setembro o IV Congresso internacional, promovido pela HDC – Health Dialogue Culture, a «inundação» da Medicina

Com o título: «Promover a saúde global. Estratégias e ações a nível individual e coletivo», o congresso tinha a intenção de contribuir para o debate atual sobre a necessidade de individualizar novos paradigmas para os sistemas sanitários, num modo globalizado e interdependente, baseado sobre a centralidade do paciente, considerado na sua globalidade e complexidade.

Os 273 participantes, em representação de nove nações Latino-Americanas, duas da África, quatro da Europa e de 19 estados do Brasil (dos quais 50% pertencentes ao âmbito académico, entre docentes e estudantes) viveram uma experiência vital de reflexão e partilha, na Faculdade de Medicina da Universidade de Santa Marcelina.

Entre os temas no centro do confronto: a saúde como bem comum e as determinantes sociais do processo saúde-doença; a espiritualidade em medicina e evidência científica sobre a relação entre espiritualidade e saúde;



a centralidade da pessoa nos processos de tratamento, com particular atenção à deficiência, ao envelhecimento, perante a dor e o sofrimento, aos cuidados paliativos; a responsabilidade para com o paciente e a coletividade, em relação aos grupos frágeis, na experimentação e na prática clínica; a formação à saúde global. Grande atenção foi reservada também para «Cuidar de quem cuida», através de dois laboratórios práticos para o apoio dos operadores.

Intervenções a outro nível, de mais de 60 relatores de várias proveniências e especializações, foram intervalados pela apresentação de vários projetos e colaborações no âmbito sanitário entre nações com standard assistencial diferentes.

Foi um intercalar entre cultura e vida, com espaços de diálogo e confronto, também com alguns workshop para os numerosos jovens presentes. A sede, escolhida num continente extraeuropeo, permitiu conhecer vários contextos culturais, com uma nova perspetiva.

O trabalho de preparação de muitos, impregnado de generosidade e de dedicação, e a presença de muitas pessoas da Obra, fizeram com que o congresso estivesse mergulhado na atmosfera de Jesus no meio, o que facilitou e tornou mais





profunda a abertura e a comunhão. No fim dos trabalhos respirava-se um clima de festa, como depois de uma Mariápolis.

As palavras de um jovem estudante de medicina exprimem o sentir de outros: «Saio deste Congresso com uma mudança do meu pensamento sobre medicina, com ideias que me tornam uma pessoa melhor e com a certeza de que farão de mim também um profissional melhor».

Um médico brasileiro: «Relações de nível excelente: ciência, mas não fria e distante. Aprendemos que se pode fazer ciência sem esquecer a essência que nos une: o amor. Neste clima

experimentava-se a paz e a alegria que embebia cada dia do Congresso».

Uma outra participante: «Nunca vivi um Congresso com tanto calor humano e energias positivas. De certeza que nunca mais vou ser a mesma pessoa».

A Emmaus marcou presença com uma mensagem, que foi de grande encorajamento para todos, em particular o seu convite para «viver a profissionalidade com um amor que gera fraternidade, todos orientados para o bem da família humana», parecia ressoar em todos os cantos daquela Universidade.

*Flavia Caretta, Mateus Rotta*

## Psicologia e Comunhão

# O encontro com o outro: limite e dom de si

1º Congresso latino-americano

«O encontro com o outro: limite e dom de si» foi o tema tratado com os mais de cento e vinte profissionais na área da psicologia, provenientes de todo o Brasil e de outros países da América Latina (Argentina, Uruguai, Perú, Bolívia, Chile, Colômbia), na Cidadela «Ginetta» em São Paulo, no Brasil, de 26 a 29 de julho de 2017. Um bom número seguiu também via internet. A Vera Araujo, em ligação do Recife, soube «contextualizar» o congresso no panorama socio-político latinoamericano e numa perspectiva positiva de esperança em relação à grave crise global.

Os participantes, académicos e profissionais, com diferentes perfis e formações, evidenciaram o aspecto concreto das redes relacionais ativas. Eram apaixonados pelo seu



trabalho, interessados pelo homem de hoje, com aquela atenção e sensibilidade que Chiara Lubich nos ensinou. Foi significativa a presença dos jovens.

Foi dada uma atenção especial ao sofrimento mental como «emergência social», à qual responder através de intervenções dirigidas à «comunidade», para além do indivíduo ou da família. A «terapia de comunidade», apresentada por Dora, de São Paulo, e a experiência «Red Solar», proposta pelo grupo argentino, foram um testemunho profissional apreciado.

*Simonetta Magari*

Aniversário da Reforma

# Com o Gen Verde em Stadthagen

Uma experiência ecumênica que envolveu centenas de jovens e adultos, e foi a oportunidade para o Gen Verde programar uma tourné na Alemanha, após quase 20 anos

«É esta a mensagem que é precisa para os nossos jovens, nos 500 anos da Reforma!», exclamou o bispo luterano dr. Karl-Hinrich Manzke. Foi depois de assistir ao breve concerto do Gen Verde, a 14 de março de 2016, durante a comemoração de Chiara Lubich, em Castel Gandolfo. Fora convidado pelo Centro «Uno», estava em Roma durante um mês para estudar, e foi a Rocca di Papa naquele dia, para conhecer melhor o trabalho ecumênico do Movimento dos Focolares. Começou-se logo a estudar a questão – tendo em conta que o Gen Verde quase há 20 anos que não ia à Alemanha e não podia ir lá só para um único concerto. O Bispo, que é o responsável da Igreja Luterana Alemã para as relações com a Igreja Católica, conseguiu vencer todos os obstáculos para realizar o que lhe parecia ser «uma mensagem essencial» para os cristãos de hoje. Assim, para o Gen Verde, acrescentaram-se vários concertos também em outras cidades da Alemanha (ver [www.focolare.org/news/2017/10/20/nessuno-e-straniero-per-me](http://www.focolare.org/news/2017/10/20/nessuno-e-straniero-per-me)).

«Quando chegámos a Stadthagen – conta a Sally McAllister – para o concerto *On the Other Side*, o bispo luterano dr. Karl-Hinrich Manzke convidou-nos para um jantar com cerca de vinte pastores e músicos locais, que prometeram ficar perto, durante a nossa estadia, para o que fosse necessário.



No dia seguinte, um sacerdote focolarino católico veio celebrar a Missa para nós: foi grande a surpresa de encontrar o bispo Manzke também na igreja.

Para a montagem do palco vieram quatro pastores, com um belo grupo de jovens. Estava a chover torrencialmente, e molhámo-nos até aos ossos, mas a felicidade de trabalhar juntos não diminuiu.

Apesar do frio e da humidade, as pessoas vieram para a praça logo às 16.30 para participar, primeiro numa vigília animada por um coro local e uma banda de metais, seguida do nosso concerto, que acabou pelas 22 horas.

No intervalo entre a vigília e o nosso concerto, vimos o bispo Manzke e os seus colaboradores a secar as cadeiras, antes que as pessoas se voltassem a sentar. Quis ser ele a introduzir o concerto com estas palavras: «Gen Verde, vocês vivem ao máximo o louvor a Deus e servem o povo... vieram de todas as partes do



mundo e apresentam um espetáculo intercultural e vivo. São um símbolo da Igreja ideal».

Calcula-se que tenham participado cerca de 800 pessoas, sem contar com o vai-vem das pessoas que passavam pela praça e se interessaram pelo evento.

Em diversos modos, muitas pessoas disseram que, com a nossa presença, a comemoração da Reformationsjubiläum 2017 foi um momento especial para a cidade. Também nós, com a paixão que Chiara nos transmitiu pelo diálogo ecumênico, partilhámos a alegria e a honra de termos sido convidadas.

Os focolares de Hannover e Hamburgo, na experiência que fizeram e nos contactos estabelecidos, sobretudo através do bispo Manzke, notaram novas possibilidades para o diálogo ecumênico. E o Bispo marcou encontro connosco em Loppiano, para o próximo ano, onde quer vir com um grupo de jovens».

*Sally McAllister e as focolarinas do Gen Verde*

## Carismas em comunhão 400 anos, mas não parece

### O Gen Verde foi convidado para animar o aniversário da Família vincentina

O pedido chegou de surpresa, durante o verão. Desde os primeiros contactos com o Superior Geral e com o sacerdote que organizou o evento, o entendimento foi imediato. Nas nossas canções encontravam o testemunho evangélico e o empenho social que têm no coração. Os desafios não faltaram, mas todos exteriores, pois era mais forte a unidade de intenções entre o carisma de S. Vicente de Paula e o de Chiara Lubich.

De manhã cedo, no sábado 14 de outubro, cerca de 11.000 pessoas, de uma centena de países, invadiram alegremente a Praça de São Pedro. Filhos e filhas do carisma de um grande homem, que viveu na França do século XVII, que ainda hoje faz sentir o calor da sua caridade, agora «globalizada» e especialmente próxima dos mais pobres. E nós com eles, animando com as nossas canções este encontro especial, centrada no tema atualíssimo «Era estrangeiro e acolheste-me...».

Momento culminante, a presença e as palavras do Papa Francisco que, com três verbos – adorar, acolher, ir – designou uma tarefa fascinante e válida para todos. E uma surpresa: não podíamos imaginar, interpretando a nossa *Uirapuru*, uma canção-apelo em defesa da Amazônia, que, no dia seguinte, o Papa anunciaria, para outubro de 2019, precisamente um Sínodo especial panamazónico.

Encontrar sinergias e trabalhar juntos, entre carismas antigos e modernos, é um trunfo!

S. M.



# Focolares temporários

## Uma bela descoberta!

Continuamos a acompanhar os focolares temporários



Sri Lanka. Numa empresa criada depois do tsunami

Foi assim que a Emmaus os definiu durante o recente encontro dos Delegados de Zona: «Uma bela descoberta» porque, em pouco tempo, conseguem concentrar muitas atividades, com momentos fortes, que depois são desenvolvidos, com entusiasmo, pela comunidade. Os focolares temporários são um instrumento «missionário» que valoriza todos os que pertencem à Obra. Com os focolarinos e as focolarinas, testemunham e anunciam «coletivamente» o Ideal, numa ação formativa válida para as comunidades nascentes.

**No Norte do Vietname** o focolar temporário foi a oportunidade para dar cursos de inglês a 200 adolescentes da escola média e média-superior, na província de Thai Nguyen (diocese de Bac Ninh), a cerca de 80 Km de Hanói. Os componentes vinham de vários Países e tinham bases de formação muito diferentes: Santa do focolar de Pescara; p. Tan, pároco da aldeia que nos hospedou; Hannah, gen2 da Nova Zelândia; Gerrie, holandesa, no focolar de Chang Mai; Kim, uma rapariga que vive em Itália; Marie-Laure, francesa no focolar

de Yangon; Hue-Vera e Hop-Speranza, focolarinas vietnamitas no focolar de Hochiminh City. E foi assim que, juntamente com o inglês, se fez o anúncio do Ideal, como testemunham os alunos: «Aprendi muito mais do que o inglês: aprendi a amar». «Depois do English Camp sinto-me uma pessoa melhor». Um dia de encontro, no centro pastoral da diocese de Bac Ninh, com a presença de 80 pessoas, possibilitou apresentar o carisma de Chiara Lubich, com uma especial atenção a Jesus Abandonado. O terreno arado e semeado revelou-se promissor. A pequena comunidade do norte do Vietname cresce e espera ver nascer um focolar estável.

Ainda no continente asiático, paramos no focolar temporário no **Sri Lanka, em Colombo**. Com vista ao Genfest 2018 em Manila, com um percurso planificado de três semanas, Marilu', Jay, Tita, Catherine e Hugo visitaram escolas e colégios para se encontrarem com rapazes e raparigas. Para além disso, um encontro ao largo reuniu os jovens das



Sri Lanka



Angola

paróquias que, divididos em grupos, aprofundaram como se deve viver para a construção de um mundo unido. A vida do focolar temporário tomou forma, momento a momento, na unidade entre todos: a visita a uma empresa criada por pessoas do Movimento depois do tsunami, que dá trabalho a um grupo de mulheres; depois um encontro, com um casal de Famílias Novas, para um grupo de casados interessados na vocação ao focolar. Foram cerca de 500 os jovens com quem nos encontramos, um bom grupo destes já está a trabalhar na preparação do Genfest.

De **África** soubemos de focolares temporários, ou de viagens, em Angola, Tanzânia, Rwanda, Niger, Mali.

Em **Saurimo, em Angola**, respondemos ao pedido do bispo, mons. José Manuel Imbamba, em cuja diocese se está a trabalhar para formar consciências e criar as premissas para uma sociedade sem corrupção e que seja promotora da vida. Idalina Cruz e Toni Nogueira, família-focolar de Portugal, escrevem: «Com a Isabel Laranjeira (responsável do focolar), Ana, voluntária, Elias, Cipriano, Raimundo e Miguel, voluntários, Miria e Susana, gen2, estivemos numa terra onde cada circunstância, cada realidade nos falava de Jesus Abandonado: um grito que já tem uma resposta no amor concreto de tantos homens e mulheres que, durante séculos, deram a vida, mas que reclama uma resposta universal urgente». O número de pessoas com

que se encontravam, de todas as idades e vocações, crescia todos os dias. A Palavra de Vida e a «arte de amar» foram o ponto essencial do anúncio. Por fim, foram identificados possíveis animadores para seguir alguns grupos. Foi significativo o encorajamento do mons. Imbamba: «Penso que estão no caminho certo. Agora, nas pessoas que vêm à minha casa para as reuniões, vejo a alegria».

Chegou à **Tanzânia** uma família-focolar de Bari, Grazia e Carlo Conversa, em sintonia com o focolar feminino de Dar Er Salaam. Ficaram tocados com a numerosa presença de jovens, que ouviam com simplicidade, captando imediatamente o Ideal. «Muitas



Tanzânia

pessoas convidaram-nos para as suas casas – escrevem –, num relacionamento desde logo muito familiar, baseado na simplicidade, na partilha. E todas as ocasiões serviram para nos fazer mergulhar nas suas realidades dolorosas e difíceis. Encontrámos muitos valores que nós europeus perdemos, mas, sobretudo, encontramos gente que acolhe o carisma de Chiara com paixão. Tocou-nos ver adultos, jovens e sobretudo adolescentes que não se cansavam de ouvir as nossas experiências e que contaram com simplicidade as suas, realmente profundas». Grazia e Carlo partilharam a sua experiência num meeting de jovens, na Mariápolis, nos encontros de Famílias Novas

e em duas comunidades paroquiais. Como são médicos puderam prestar auxílio também no campo sanitário. Estiveram em Ifakara, a 270 Km da capital, em plena floresta, convidados pelo bispo Salutaris Melchior Libena, que revelou muita atenção e abertura ao Ideal.

Foi significativo o testemunho de Sigi Dubiel, focolarino, que esteve em **Kigali, no Rwanda** com Deo (do focolar do Burundi), León (filipino do focolar de Dallas/EUA), Eric (do focolar do Burundi). Exprime gratidão por ter conhecido a «família de Chiara», que se está a desenvolver, apesar da terrível prova do genocídio de há 20 anos.

A zoneta de Bobo (Burkina Faso) enviou três focolares temporários para alguns países que lhe estão ligados: um focolar masculino ao **Niger**, um feminino e um masculino ao **Mali**. Os três eram compostos por membros da Obra de várias vocações: focolarinos, gen e pré-gen2, voluntários e pré-voluntários, aderentes. Com uma nota especial: a presença de um pré-voluntário muçulmano no Niger e de um gen2 muçulmano no Mali. Um desafio e simultaneamente uma graça, sobretudo para aqueles dois países, onde a maioria é muçulmana. Foram muitos os frutos: as comunidades locais reencontraram entusiasmo; a providência não faltou em alimentos e no que era preciso para a estadia; cresceu o número das e dos jovens, mesmo os novos, que participaram na Mariápolis: foi a oportunidade para uma formação mais aprofundada para aqueles que são responsáveis das comunidades locais. Segundo muitos disseram, estes focolares temporários revelaram-se uma bênção e uma força para a



irradiação do carisma. Um jovem disse: «Nos nossos países, com o terrorismo e as guerras absurdas, a vossa vinda foi uma gota de amor num mar de sofrimentos, mas há de tornar-se num oceano, se nós não pararmos».

Da Europa chegou a notícia de um focolar temporário em

**Sofia, na Bulgária**. Composto por Ono, com Nico primeiro e Cristiano depois, (focolarinos da Europa de leste) e alguns gen, dos quais um búlgaro e um alemão, que queriam passar as



férias num clima de unidade. Foram um apoio ao focolar feminino, empenhado na iniciativa chamada Hombre Mundo.

Com os jovens, num relacionamento aberto, lançaram a ideia de um momento de discernimento para, juntos, perceberem os planos de Deus. E viram brotar «do nada» pessoas profundas, desejosas de se pôr em campo por Deus.

*pela redação*

**Errata Corrige** No número passado, na página 32, segunda coluna leia-se só Líbano e não Líbano e Sudão. Assim, na página 33, na primeira linha, só Khartum. Com efeito, Karthum é uma aldeia shiita no Líbano, e não a capital do Sudão. Pedimos desculpa pelo erro involuntário.

# Mario Brini

*«Acima de tudo, mantende entre vós  
a mútua e contínua caridade»*

(1 Pedro 4,8)



Ao falar de si, o Mario - focolarino da Mariápolis Romana, que partiu serenamente para o Céu, no dia 23 de outubro, aos 95 anos de idade - gostava de começar em 1949, ano em que, aos 27 anos, teve início a sua conversão. «Vivi mal a primeira parte da minha vida - confessava o Mario - com muitos defeitos que não procurava corrigir. Por isso, gosto muito daquilo que Jesus disse: "Há mais festa no Céu por um pecador que se converte do que por noventa e nove justos que não precisam de se converter". Frequentava a casa de Vittorio Sabbione, em Turim, onde conheceu algumas das primeiras focolarinas. «O que encontrei - explicava - era o amor sem reservas, vivido por cristãos verdadeiros. Iniciei uma vida nova, vendo Jesus em quem me passava ao lado. Antes, pensava em obter lucros, em passar o tempo o mais agradavelmente possível, em organizar a minha vida. Agora a minha alma abria-se a esta nova vida do Evangelho».

Em 1957, foi para o focolar, em Turim, depois para Florença, Trento e Bolzano. Em 1962, mudou-se para os Castelos Romanos, onde, durante muitos anos, deu um precioso contributo na parte administrativa do Centro dos focolarinos. Em 1994, depois de uma "conferência telefónica" em que Chiara nos convidava a dar a vida uns pelos outros, escreveu: «tive uma grande e imediata impressão de ter sido expropriado de mim mesmo... Ao mesmo tempo, uma percepção dolorosa da minha incapacidade de pôr em prática, ao máximo, este mandamento. Quando ia para o trabalho, encontrei um focolarino: "Estás pronto a morrer por mim?", perguntei-lhe. "Sim", respondeu-me logo. "Também eu", disse-lhe. A seguir, fui à capela e ocorreu-me perguntar a Jesus: "Estás pronto a morrer..." mas faltou-me o resto: sabia bem que Ele tinha morrido por mim. Então, o "também eu por ti" pareceu-me fácil. Morrer por Jesus nos outros».

Nestes seus últimos anos, na casa "verde", juntamente com outros focolarinos doentes, dava um grande exemplo de fidelidade na doação a Deus e de um amor incondicional por Jesus Abandonado. Apesar da idade avançada e da doença, a quem lhe

perguntava como estava, respondia: «melhor» e confiava: «o período mais bonito da minha vida é o atual: a velhice purifica, muitas coisas deixam de fazer sentido, fica apenas o essencial. Vem em evidência, de modo convincente, a misericórdia de Deus. A misericórdia é tudo».

No momento da partida, foram muitas as pessoas que testemunharam o seu «modo de amar com delicadeza, inteligência e perseverança»; «a sua vontade de nunca desistir»; «a consciência dos seus limites e a sua fé sem limites em Deus-Amor, que transparecia da doçura dos seus olhos e dos seus gestos»; «a sua fidelidade à oração e ao recomeçar sempre». Pensamos que agora esteja na alegria sem fim, juntamente com o Guido, seu irmão, também ele focolarino.

## Gianna Terrone Fumagalli



*Encheu-nos  
de sorrisos*

A Gianna nasceu em Varazze, na Ligúria, e, na adolescência, foi escuteira, o que fez com que crescesse nos valores da fraternidade e da solidariedade. Aos 21 anos conheceu os

Focolares: «Ainda tenho nos olhos - contava ela própria - a sala em que estávamos, a pessoa que nos falava, a Marita Sartori, mas sobretudo tenho no coração a luz da descoberta: Deus é Amor, temos só uma vida, vivamo-la por Ele. Desde então, fui todos os dias receber Jesus Eucaristia. Toda a minha vida mudou. Já não encontrava muitas pessoas, mas Jesus nos seus rostos; já não enfrentava pessoalmente as várias

situações, mas estava atenta para descobrir a Sua direção nas várias circunstâncias».

Em 1960, encontrou Chiara Lubich, em Friburgo: «estava a namorar com o Carlo e interrogava-me sobre a minha vocação. Naquele dia, Chiara falou-nos de Jesus Crucificado e Abandonado e eu experimentei uma liberdade que nunca tinha sentido e a certeza de que nada, nem ninguém, podia separar-me daquele Deus que, quando encontrei o Ideal, eu tinha colocado no primeiro lugar na minha vida. Era a resposta».

Dois anos depois, casou-se com o Carlo, arquiteto de Milão. Nasceram dois filhos: Giovanni e Silvia. «De pessoal - é ainda a Gianna que conta - a oração tornou-se coletiva, também com o Carlo, e adquiriu uma particular beleza, um salto de qualidade que nos deu a coragem e a alegria de poder pedir a Deus, juntos, muitas coisas: para os filhos, pelas necessidades de muita gente, pela humanidade».

A Gianna e o Carlo tornaram-se focolarinos. Dedicaram-se ao desenvolvimento do Movimento na Lombardia, especialmente no ramo das Famílias e, em 1977, escreveram a Chiara: «Queremos deixar nas tuas mãos a nossa disponibilidade para uma eventual mudança». Logo um ano depois, chegaram ao Centro do Movimento, em Rocca di Papa. O Carlo dedicou-se a fazer os projetos de várias obras, entre as quais o Centro Mariápolis de Castel Gandolfo. E a Gianna, tendo deixado o ensino, colaborava na formação das focolarinas casadas e na Secretaria Internacional de Famílias Novas. Trabalhava também na preparação de congressos, livros, discursos e artigos sobre a família. Durante vários anos foi a responsável pela rubrica «Espaço Família», da revista Città Nuova. Às vezes acompanhava o Carlo nas viagens de trabalho: «Voltei do Paquistão, escreveu a Chiara no ano 2000, com uma grande alegria. Em aldeias distantes ou em bairros superlotados e muito pobres, conhecemos famílias cristãs e muçulmanas e muitos meninos ajudados pela adoção à distância, da Ação Famílias Novas (AFN). Mais uma vez vi o carisma unir povos, Igrejas, culturas milenárias debaixo de um só Céu».

De 2007 a 2014, fez parte do Conselho Geral da Obra.

Viveu com intensidade a sua vida de focolar.

As suas experiências de Evangelho e a sua comunhão de alma tinham o toque da surpresa, como quem vive fielmente no sobrenatural. A sua Palavra de Vida era: «O que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o também a eles» (Mt 7,12).

No passado mês de julho, surgiram complicações de saúde que obrigaram a internamentos em vários hospitais. Apesar da gravidade da situação, os filhos escreveram: nestes dois meses de doença, sorriu-nos sempre. Com muita ou pouca energia, com palavras e gestos menos frequentes, encheu-nos de sorrisos». No dia 13 de outubro, com 80 anos de idade, a Gianna concluiu a sua fecunda aventura sobre esta Terra, para se juntar ao Carlo, que a precedeu, em 2012, e todos os «nossos» da Mariápolis Celeste. As suas palavras, num testemunho de há alguns anos, ressoam hoje como a sua saudação: «Gostarias de viver para continuar a amar, mas, se morreres, continuas a amar...».

## André Katoto Shungu

*«Se tu não me amas, quem me amará?»*

O André nasceu em Lubumbashi (República Democrática do Congo). Aos 15 anos conheceu o Ideal e inseriu-se na vida gen. Com 29 anos casou-se com a Julie, convencido de que, apesar de pertencer a uma outra tribo, isto fosse uma dádiva de Deus para ele. Tiveram três filhos e uma filha. No ano 2000, escreveu a Chiara: «A escolha radical de Deus permite-me tornar sobrenaturais os relacionamentos com os outros, especialmente com a Julie e os filhos, vendo Jesus neles e partilhando tudo quanto tenho de material e de espiritual. Os trabalhos domésticos já não são um tabu para mim, mas sim a possibilidade de manifestar o meu amor. Em casa, começamos o dia com a oração e, se possível, também com a Missa. À noite, contamos os factos vividos e as experiências da palavra de Vida, e acabamos com a oração do terço. Os pontos divergentes, confiamo-los à misericórdia de Deus, para recomeçar a ver "novo o outro».



Com a Julie, também ela focolarina casada, em 2011, aceitou a proposta de se mudarem como família-focolar para Goma. O André era professor universitário e contabilista nos Caminhos de Ferro do Estado. Deixar uma posição daquelas foi considerado uma loucura, mas ele soube explicar a todos o porquê daquela escolha. Pessoa transparente, com um sorriso constante e sincero, apóstolo incansável, estava sempre pronto a perder as suas ideias por amor aos outros. Levando a sério o «dar a vida», o André e a Julie não deixaram aquele lugar durante a guerrilha, tendo partilhado todos os perigos com a comunidade.

No início deste ano, inesperadamente, surgiu a doença. Confiou à Emmaus: «Senti a voz do esposo que me dizia:

"Se tu não me amas, quem me amará?". É o "sim" que renovo momento a momento».

Para os tratamentos, foi necessário ir para o Quênia. O André continuou, também ali, a ser um ponto luminoso para muita gente. Da Mariápolis Piero, onde passou oito meses com a Julie, escreveram-nos: «Conquistou muita gente, sobretudo os gen e os futuros focolarinos da escola. As suas experiências são um exemplo de radicalidade evangélica».

A sua saúde agravou-se, e, graças a uma generosa comunhão de bens da comunidade, pôde voltar para Lubumbashi, tendo ficado no focolar. Na Missa, celebrada no seu quarto, fez os votos perpétuos de focolarino casado, realizando assim o seu "casamento com Jesus Abandonado». Na noite desse mesmo dia, 11 de outubro, com 54 anos de idade, foi ao Seu encontro.



## Edith Vallet

«*Quem poderá separar-nos do amor de Cristo?*»

(Rm 8,35)



Sendo uma das primeiras focolarinas casadas da França, a Edith, juntamente com o marido, o Lucien, também ele focolarino casado, cedo se tornaram apóstolos do Ideal. Grande era também a sua dedicação à família, enriquecida por sete filhos, que acompanhou com um grande coração, respeitando sempre a personalidade de cada um deles. As suas palavras, ponderadas, eram cheias de sabedoria, muitas vezes fruto do sofrimento consumado. Humilde e discreta, sabia ser audaz por amor aos outros, não hesitando, por exemplo, em escrever à mulher do Presidente da República para defender alguns refugiados que pediram asilo político. Juntamente com o Lucien, ajudava muitas pessoas com dificuldades, partilhando o pouco que tinham sem esperar nada em troca, com uma grande confiança na Providência que os levava a dizer «nunca nos faltou nada». A sua casa estava sempre aberta a todos.

A doença do Lucien e a sua morte trouxeram-lhe um período de provação. Também o seu estado de saúde piorou, mas permaneceu fiel ao «passa palavra», que transmitia todos os dias a quem não podia aceder à internet. Ofereceu as suas dificuldades pela Obra, procurando ter bem fixa a sua «bússola» em Jesus Abandonado. «Descobri - escreveu a Chiara - que devo deixar que Deus atue e não colocar-Lhe barreiras com todos os meus raciocínios humanos. Devo reconhecê-Lo Abandonado na minha miséria interior, mas não parar nela, porque Ele tudo pode». E ainda: «Pela minha parte, quero ser aquilo que Maria quer».

Nas últimas semanas, a Edith sofreu muito, também com momentos de escuridão, mas nunca deixou de amar. Os filhos revezavam-se a seu lado, com muito amor. No dia 2 de outubro, com 86 anos de idade, concluiu a sua «santa viagem», deixando atrás de si um testemunho límpido de vida evangélica, exemplo para muitas famílias, e não só.

# Dario Cafagna

«Uma só coisa é necessária» (Lc 10,42)

O Dario nasceu em Trieste (Itália) e começou a trabalhar muito cedo para se sustentar. Pouco tempo depois entrou numa crise profunda, que comprometeu também a sua saúde. Durante o internamento, num sanatório, tomou contacto com Città Nuova e, no livro *Meditações* de Chiara Lubich, descobriu Deus, como Amor, e uma nova maneira de viver o Evangelho. Uma vez curado, começou a visitar os focolarinos. Com eles, descobriu a certeza de ter encontrado o caminho para concretizar aquela doação a Deus em que pensava há algum tempo.

Aos 24 anos, iniciou a sua vida de focolarino e foi trabalhar para Grottaferrata, na tipografia de Città Nuova, onde permaneceu durante 40 anos. Escreveu a Chiara: «Jesus foi carpinteiro, mas tinha no coração a paixão pelo “Ut Omnes”. Também eu, mesmo no meu canto da tipografia, posso viver pela Igreja».

Na sua frutuosa experiência de focolarino na zona de Roma, acompanhou muitos jovens no caminho da unidade (mais de duzentos) e, apesar de todos serem mais cultos do que ele, um ex-operário, para eles era um amigo, irmão e mestre de vida. Das suas cartas a Chiara, transparece a sua dimensão espiritual: «Dou todas as dificuldades a Jesus, para que me ajude a abraçar a cruz para O amar concretamente nos próximos. Sei por experiência que só quando Ele vive em nós e é o nosso único objetivo, tudo o resto adquire valor, sentido e beleza».

Em 2010, depois de uma intervenção cirúrgica, escreveu à Emmaus: «Foi uma provação muito dura que me colocou ainda mais diante dos verdadeiros valores da vida e do Ideal, diante de Deus unicamente. Mas, para as muitas pessoas que vêm visitar-me, é até uma experiência de paraíso. Dou-me conta de que Jesus no meio, o amor recíproco, a unidade,



construída durante anos, não diminuíram, pelo contrário, estão mais vivos que nunca. É como no paraíso, onde o passado está todo contido no presente e o futuro está também no eterno presente de Deus, pelo que se experimenta a plenitude da alegria».

Em junho, sofreu um AVC, que se agravou rapidamente, e no dia 6 de setembro, com 79 anos de idade, foi chamado ao Pai.

# Giulio Caccialanza

«Ser amor: é este o meu programa»

No dia 1 de setembro, enquanto dava um pequeno passeio perto do seu focolar, na Mariápolis Romana, o Giulio, partiu para o Céu, com 78 anos de idade. Natural de Piacenza (Itália), o Giulio cresceu numa família não praticante e, aos 19 anos, encontrou o Movimento. Aos 22, iniciou a sua formação para entrar no focolar, agradecido a Deus por esta vocação, que lhe deu a possibilidade de «ser um contemplativo no mundo».

Depois de algum tempo em Turim e Barcelona, esteve em Portugal durante nove anos. Em seguida permaneceu quase vinte anos em Espanha, onde foi também responsável da Zona. Da Península Ibérica, lembrando estes anos, muita gente escreveu afirmando ter experimentado o seu amor, a capacidade de seguir as pessoas com «sabedoria, continuidade, paternidade, desapego, humildade, alegria, discrição», profundamente tocados pela «sua serenidade, que inspirava confiança e o encanto pelo Ideal». O Giulio conseguia que toda a gente ficasse à vontade, sem fazer prevalecer a sua condição ou a sua cultura: nele transparecia o amor por Deus e uma vida guiada pelo Evangelho. Em 1995, foi ordenado sacerdote.

Em 1997, foi para o Texas (EUA), onde o



# Maria das Dores Maciel de Farias (Fides)

«Há mais alegria em dar do que em receber» (At 20,35)

No focolar de Fontem (África), onde vivia, a Fides, focolarina brasileira de Recife, no dia 25 de agosto, partiu de repente para a Mariápolis Celeste. A notícia apanhou todos de surpresa, uma vez que - apesar dos seus 80 anos - era muito ativa e cheia de vida.

Em pequena, frequentou uma escola católica e aos 13 anos sentiu o desejo de ser toda de Deus. A família não concordou e, por isso, surgiu uma forte reação, a ponto de abandonar a Igreja e os sacramentos. Anos depois conheceu o Movimento dos Focolares. «Uma luz», disse ela mais tarde, que a levou a «ver pessoas, factos e acontecimentos como amor de Deus, de um Deus que me amava silenciosa e pessoalmente. Como se tivesse vindo à Terra apenas por minha causa e tivesse morrido só por mim. Se Deus me amava até esse ponto, eu devia retribuir o Seu amor». Sentiu-se chamada a seguir Chiara e, em 1969, entrou no focolar.

Esteve em Loppiano desde 1972 onde, durante 13 anos, trabalhou no Centro Ave Arte como

esperavam novos costumes de vida. Mas, devido a algumas complicações de saúde, logo no ano seguinte, voltou para a Itália. Foi uma ocasião preciosa para intensificar a sua dedicação e para colocar em prática a palavra de Vida que Chiara lhe tinha proposto: «Amai-vos intensamente uns aos outros, de coração puro» (1Pd 1,22). «Tudo em mim deve ser fruto do Amor e, no Amor, - anotou no seu diário - ser Amor: é este o meu programa» (1999). Um amor que se manifestava na vida de todos os dias e na incansável disponibilidade para colóquios e confissões, nos congressos que se realizam no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, e também na Catedral de Frascati. «Na medida em que procuro viver Jesus



responsável da reprodução Artística, deixando nas muitas focolarinas da Escola, que trabalhavam com ela, uma marca de harmonia e unidade. Depois foi para a África, onde a esperou uma longa permanência, em vários focolares, entre os quais Fontem, Bamenda

e Fonjumetaw. Neste último, criou um jardim de infância. Muito forte foi a experiência que fez, no difícil período da guerra, em Angola, onde se dedicou penosamente para que o focolar, acabado de abrir, «fosse um oásis de paz, de luz e de amor, no meio de tanto ódio». Entre outras coisas, organizou um mercadinho para venda de alimentos a baixo preço, tornando-se mãe, irmã e amiga de muita gente.

Há um ano, a Fides voltou para Fontem e assegurou à Emmaus: «Conta com a minha unidade para tudo. Quero dizer-te que estou pronta a "mudar de céu" e ir para onde Ele me pedir». Ao dar a notícia da sua morte, a Presidente escreveu: «Acreditamos que Deus a encontrou pronta para o encontro com Ele, recebendo os seus muitos anos de fidelidade ao Esposo e a sua incansável dedicação para difundir com generosidade e sabedoria a luz do Ideal».

no meio no meu focolar - escreveu à Emmaus - sinto que tenho a luz para aconselhar bem as pessoas. Tenho sempre presente aquilo que Chiara dizia: escutar com amor até ao fim sem pensar na resposta. Depois, no fim, vem com surpresa, a iluminação do Espírito Santo. E constato sempre que é verdade».

«A sua presença era mariana - escreveu a Emmaus quando anunciou a sua partida - uma vida de doação simples e discreta, que se tornava dinâmica devido a um recomeçar contínuo. Pensamos que chegou à meta. Como as virgens sábias do Evangelho desse dia, o Giulio estava pronto e tinha consigo o óleo daquele amor que iluminou a sua vida».

## P. Vito Chiesa

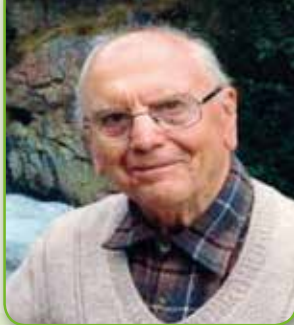
*Um colaborador de Chiara na edificação da Obra*

A história do P. Vito, sacerdote focolarino da Diocese de Génova (Itália), está intimamente ligada à espiritualidade dos Focolares, que encontrou durante uma peregrinação a Lourdes, em 1960, seis anos depois da sua ordenação. «Dormia no mesmo quarto do P. Raggio - contava - que me lia um livro de meditações sem citar o nome da autora, Chiara Lubich. Uma delas começava assim: "Se estamos unidos, Jesus está no meio de nós": palavras que me sensibilizaram muitíssimo e que viriam a mudar a minha maneira de ser padre».

Nasceu nele o desejo de viver em comum com outros sacerdotes e logo tomou forma de vida o primeiro focolar sacerdotal da Ligúria, com um refeitório comum também para outros sacerdotes. «Jesus no meio de nós - continuou a contar - mudava tudo: em vez dos nossos modos de ver, limitados, e das programações à mesa, construíamos homens de diálogo».

Era muito estimado pelos Bispos e exerceu numerosos cargos - nas paróquias, nas Famílias religiosas, no Tribunal Eclesiástico - que desempenhou confiando-se a Deus e aos irmãos. Quem convivia com ele, sentia-se plenamente acolhido por um pastor que amava sem medida, porque «se não tenho os meus irmãos no coração - salientava o P. Vito - a minha missão torna-se incompleta». Numerosos sacerdotes e leigos foram por ele gerados à vida do Ideal. A sua unidade com Chiara foi extraordinária, a ponto de ela o sentir «um dos seus colaboradores na construção da Obra».

Com a diminuição das forças cresceu nele a confiança, o desejo de servir até ao fim e fazer só a vontade de Deus. No dia 5 de outubro, com 88 anos de idade, entrou na «plenitude da vida». No seu funeral, o Cardeal Angelo Bagnasco exprimiu-se deste modo: «Como se pode constatar, o seu sacerdócio foi assinalado



pela dimensão mariana, na qual a Obra de Maria (o Movimento dos Focolares) se inspira, e à qual ele pertencia. O P. Vito era luminoso: bastava o seu olhar para se sentir esta força amorosa e atrativa, que construía, com humildade, uma atmosfera de comunhão e de unidade, onde Jesus

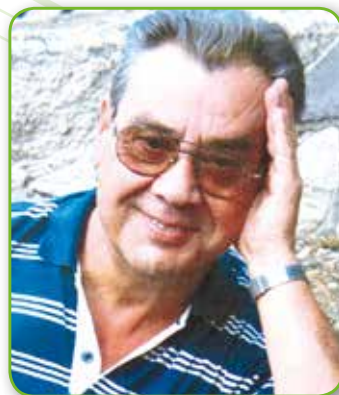
estava presente, sendo fiel à Sua palavra: "onde dois ou três estão reunidos no meu nome, eu estou no meio deles". Estamos agradecidos a Deus por no-lo ter dado».

*P. Mario Moltedo*

## P. Antonio Petrone

*«Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que foi dito da parte do Senhor» (Lc 1,45)*

O P. Antonio nasceu em Nápoles, no dia 20 de maio de 1939. Ferroviário, praticante de desporto e dirigente da Ação Católica, contou que, aos 29 anos, perdeu a fé: «Eu achava que a fé era uma série de práticas e prescrições às quais se tinha de obedecer, enquanto que, dentro de mim, existia uma sede e uma vontade de mudança». Deixou a Ação Católica e começou um dos períodos mais dolorosos da sua vida:



«Os ideais da minha juventude desmoronavam um atrás do outro... Uma noite, antes de me ir deitar, peguei, de cima da mesa-de-cabeceira, numa Bíblia que tinha ganho num torneio de ping-pong e, sem nenhum interesse, comecei a ler. Não sei como, parei em S. Paulo». Aquelas palavras mexeram com ele e levaram-no a pôr em prática o Evangelho. Começou uma fase nova da sua vida que o levou até à comunidade das Oblatas de Maria Imaculada, em Marino. Ali

conheceu o Ideal e amadureceu nele, aos 33 anos, a vocação de consagrado e sacerdote. Escreveu a Chiara a pedir uma Palavra de Vida: «Procurando viver profundamente tudo o que era expressão da Obra, Deus deu-me a luz que me permitiu ver, no seu todo, esta grande dádiva de amor que está a dar a toda a Igreja e ao mundo inteiro... Esta grande luz permitiu iluminar a minha vocação de oblato e de me consagrar a toda a Obra num abraço estreito a Jesus Abandonado, nosso único grande Ideal». Chiara deu-lhe a palavra de Vida: «Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que foi dito da parte do Senhor» (Lc 1,45).

No dia 8 de dezembro de 1976, o Antonio foi ordenado sacerdote. Em 1977, foi para a comunidade de Marino, como formador e, cinco anos depois, mudou-se para Nápoles, que não deixou nunca mais e onde assumiu a responsabilidade do Ramo dos Religiosos. Acompanhou, com a motivação e o carisma que o caracterizavam, sobretudo os jovens e, mais tarde, os leigos, transmitindo o Ideal a muitas pessoas. Destas pessoas, nasceram vocações aos oblatas, ao focolar e a outras ordens religiosas.

Logo depois da sua morte, no dia 30 de julho, o responsável pela sua comunidade escreveu: «No seu último dia de vida, assistimos a um testemunho de "outros tempos": centenas de pessoas, sobretudo os "seus" ex-jovens, vieram, durante toda a noite e todo o dia, saudá-lo e rezar por ele. A todos, o P. Antonio deu pelo menos um aceno, como sinal de os ter reconhecido. Na nossa última conversa, repeti-lhe a frase do Apocalipse "eu estou à porta e bato", e o Antonio respondeu: "escancaremos-lhe as portas"».

*p. Salvo D'Orto, OMI*

## Iustina Ponoran

*Nas mãos de um Deus que é amor*

Empenhada do Movimento Paroquial da Roménia, a Iustina conheceu o Movimento na idade gen. A sua doação foi mariana e generosa, quer na família quer na Paróquia e na Obra.

Esposa e mãe de dois filhos (a Beatrice de 15 anos e o

Fabian de 11), em meados de junho, adoeceu de repente e, depois de muitas pesquisas, surgiu o diagnóstico de uma doença neurológica rara, sem possibilidade de cura. Em duas semanas, a Iustina deixou de andar, depois de falar e, em 4 meses, no dia 18 de outubro, aos 44 anos, concluiu a sua «santa viagem». Dias antes, depois de receber a Eucaristia, tinha afirmado que, apesar de



não entender o porquê da sua doença, Jesus certamente sabia disso, e tinha a certeza de estar, quer ela quer a sua família, nas mãos de um Deus que é amor.

Esta certeza continuou a dar alento aos seus familiares e a toda a comunidade, que experimentou uma fé renovada no amor de Deus e um forte sentido de família entre todos.

*Maria Christine Surdu*

## Roberto Cardinali

*Sindicalista, político, entusiasta das causas sociais, mas sobretudo homem de Deus*

Perito agrário, dirigente de uma Cooperativa, para ajudar um amigo que se encontrava com dificuldades, o Roberto cedeu-lhe o seu trabalho e tornou-se sindicalista na Federação dos Agricultores de Siena: encontrou aí a Raffaella, que era a secretária administrativa, que lhe deu a conhecer o Ideal e que se tornou sua mulher. Devido aos seus conhecimentos profissionais, em 1973, quando estava a frequentar a Escola dos Voluntários em Loppiano, foi-lhe pedido para passar a gerir a recém-criada



Cooperativa Loppiano Prima: deixou o trabalho, e com a Raffaella (focolarina casada), mudou-se para a Cidadela.

Um momento muito forte para o Roberto foi quando Chiara deu à Cooperativa a Palavra de Vida: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e tudo o resto vos será dado por acréscimo», a mesma que lhe deu a ele, e que o levou, com o decorrer dos anos, por um lado, a uma radical comunhão de bens, e por outro, a uma grande confiança na providência. Prosseguiu também com a sua atividade política: em Incisa, foi conselheiro municipal durante três legislaturas. Empenhado de Humanidade Nova, promoveu, em colaboração com outras pessoas, o voluntariado hospitalar (AVO), em algumas cidades da Toscana.

O Roberto e a Raffaella não tiveram filhos, mas tendo em conta as muitas formas como a casa deles era frequentada, o Roberto salientava, «somos de igual modo pais e também avós e bisavós amadíssimos». Atento a cada dificuldade da Cidadela, dava o seu contributo espiritual e material em todas as circunstâncias. Com a idade da reforma, com a Rafaela - que ia dar aulas às Escolas das e dos futuros focolarinos - o Roberto passava

algum tempo em Montet, pondo em prática, de bom grado, também na Cidadela da Suíça, os seus conhecimentos agrários.

Em 2012, adoeceu gravemente e, depois de vários tratamentos, parecia que tudo parecia estar resolvido. Mas, no passado mês de junho, durante uma consulta de controle, revelou-se a doença que o levou rapidamente para o Céu. Neste último período, vendo que as suas condições de saúde pioravam, preparou-se para a passagem, com solenidade e consciência, confiando-se a Maria e permanecendo no amor até ao último instante. No dia 31 de agosto, numa atmosfera sagrada de serenidade, com 86 anos de idade, chegou à Mariápolis Celeste.

A Emmaus, escreveu à Raffaella: «Como coroação de uma vida dada a Deus e ao próximo, imaginamo-lo acompanhado por Chiara e pelos nossos no encontro com Jesus, como testemunha corajosa do Ideal. [...] Estamos-lhe agradecidos e contamos com a sua ajuda para que Jesus no meio brilhe mais do que nunca na Cidadela, certos do seu olhar de predileção pela Cooperativa Loppiano Prima, que sempre ajudou. [...] O Roberto descansa na Cidadela como "pedra viva"!

Stefano Fontolan

## Marie-Thérèse Oudot

*«O meu alimento é fazer a vontade Daquele que me enviou e realizar a sua obra» (Jo, 4, 34)*

A Marie-Thérèse que nasceu na Argélia, numa família francesa, foi uma das primeiras pessoas a conhecer o Movimento quando este chegou a este País. Tornou-se parte ativa, como voluntária, até ao regresso a França, nos anos '70. Aí, encontrou trabalho como responsável da Escola de Enfermagem de Blois e, apesar da distância, ia regularmente ao núcleo, em Paris. Mais tarde, formou-se um núcleo em Orléans, do qual a M. Thérèse assumiu a responsabilidade. Mas tudo na Obra era como se fosse seu.

Sendo uma entusiasta pelos Diálogos, criava amizade com pessoas de outras Igrejas e de outras Religiões, especialmente com muçulmanos, de



quem conhecia bem a cultura. Adepta da EdC, procurava difundir as publicações e foi graças a ela que um empreendedor da sua região aderiu à economia do dar, que ela própria vivia intensamente. Com a sua comunhão de bens, deu um grande contributo para a construção da Cidadela Giulio, perto de Paris. Apesar da fragilidade da sua saúde, muita gente encontrou hospitalidade na sua casa.

Passou os últimos três anos num centro para doentes de Alzheimer da sua Região, entregue aos conselhos dos seus familiares e acompanhada pelas voluntárias, que continuaram a ir visitá-la, apesar de a Marie Thérèse já não as reconhecer. No dia 27 de agosto, com 90 anos de idade, foi ter com Aquele que foi o Tudo da sua vida.

Thérèse Chanel



## P. Marcin Szopiński

«*Quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus nele*»

(1 Jo 4,16)

O Marcin nasceu numa cidadezinha nos arredores de Rzeszów (Polónia). Depois do Liceu, entrou no seminário. Nesse ano, entre vários encontros, houve um no qual se teria falado da espiritualidade da unidade. O Marcin não pôde esquivar-se de estar presente, mas temia que fosse uma perda de tempo e, por isso, levou consigo um livro. Em vez disso, foi uma verdadeira descoberta. Formou logo, com outros seminaristas, um grupo da Palavra de Vida e, como queria aprofundar e conhecer mais, juntamente com um companheiro, pediu e obteve autorização para passar um período no Centro de espiritualidade «Vinea Mea», em Loppiano. Em 2004, aquando da ordenação, sentiu a vocação de se tornar sacerdote focolarino.

Depois de ter sido pároco coadjutor durante alguns anos, apesar de ser muito novo, o Bispo pediu-lhe para orientar uma Casa de Retiros da Diocese e para se tornar exorcista. Exerceu o seu trabalho pastoral na normalidade e no silêncio, com uma presença ativa e mariana também na comunidade local dos Focolares. Amava concretamente, organizando bem todas as coisas. As suas comunhões de alma eram Evangelho vivido em pleno.

Aos 38 anos, o P. Marcin recebeu o veredicto de uma grave doença, como uma missão que lhe foi confiada pela vontade de Deus. Sem hesitar, decidiu ser operado, apesar da intervenção ser de risco. Parecia que tivesse melhorado, mas alguns meses depois a doença voltou a surgir com muita gravidade. Quando os médicos lhe disseram que já não podiam fazer nada por ele, confiou a um amigo sacerdote: «Estou pronto para ir ao encontro com Jesus». No dia 18 de setembro, com apenas 39 anos, encontrou-O para sempre, deixando atrás de si um rastro de luz.

P. Wojciech Czekał

## P. Costanzo Donegana

«*A sua capacidade de se relacionar, o seu humorismo, a sua palavra que nunca faltava...*»

A minha amizade com o P. Costanzo remonta ao dia em que entrei na comunidade de formação do Pime, onde ele era o reitor. Eu tinha acabado de conhecer o carisma de Chiara. O P. Costanzo, pelo contrário, era já uma referência garantida



para os jovens religiosos que, na Zona de Milão, entravam em contacto com ele. Naqueles anos, um tanto turbulentos para muitos institutos religiosos, ficou próximo dos jovens com sabedoria e paciência. Lembro-me das suas emocionantes conversas, acerca da espiritualidade da unidade, que tinha conosco com muita simplicidade, corroborando-as com citações dos Padres da Igreja, de quem era um entusiasta. Seguidamente, ambos partimos em missão. Primeiro ele, para os Camarões e mais tarde para o Brasil, e eu para Hong-Kong. Em 2004, tive oportunidade de me encontrar com ele em S. Paulo, no Brasil, quando era chefe de redação da nossa revista Mundo e Missão. Levou-me às favelas onde se efetuam algumas obras sociais dos Focolares e onde fazia corrida, sempre que o trabalho lho permitia. «Não podia ficar apenas a escrever acerca deles - explicou-me - devo ir ter com eles. Assim, durante vinte anos, estive por perto dos pobres das favelas. Foram os momentos mais bonitos da minha vida, não num sentido romântico, nas no sentido real, de missionário que "tenta" viver o Evangelho de Jesus. Este período no Brasil, assinalou também uma intensa colaboração com a Editora Cidade Nova.

Seguidamente, foi chamado a Roma para se encarregar do Escritório Histórico do Pime. O Superior Geral descreveu-o deste modo: «A

capacidade de se relacionar, o seu humorismo, a sua palavra que nunca faltava, o seu amor pelo Instituto, foram algumas das características que o P. Costanzo manifestava diariamente a todos nós». Sim, o P. Costanzo amou concretamente o Pime e as pessoas que faziam parte dele. Amou igualmente a Obra de Maria, com o entusiasmo das pessoas simples.

Nos últimos tempos da doença, não faltaram momentos de escuridão e as pessoas que estavam junto dele puderam perceber que algo de sagrado acontecia nele. O sorriso e o olhar luminoso eram

a sua pessoal e íntima declaração de amor a Jesus Abandonado. Na altura da sua morte, que aconteceu no dia 18 de julho, aos 77 anos de idade, a Emmaus escreveu ao seu Superior Geral: «Pondo em prática também o seu talento de escritor, o P. Costanzo deu uma contribuição preciosa à difusão do Evangelho nos vários lugares onde viveu a sua vocação missionária. ... Tinha no coração a causa da unidade pedida por Jesus ao Pai: "Que todos sejam um, a fim de que o mundo creia". Ideal que partilhava com os religiosos aderentes à nossa Obra».

*P. Luigi Bonalumi, PIME*

## Maria Therese Brücker Eckstein

*«A quem me ama, Eu me manifestarei» (Jo 14,21)*

A Maria Therese nasceu em Altdorf, na Suíça e, quando se tornou adulta, começou a gerir uma loja de géneros alimentícios. Tinha 46 anos, quando a mãe, que ela tratou com um grande amor durante muito tempo, deixou este mundo. A Maria Therese decidiu restabelecer a sua vida tornando-se cozinheira na maior paróquia de Zurique, dirigida por sacerdotes focolarinos. Teve, por isso, a oportunidade

de conhecer a espiritualidade dos Focolares e de se empenhar, primeiro no Movimento Paroquial e depois como voluntária da Obra.

No final de um encontro em Castel Gandolfo, escreveu no seu diário: «Jesus, tenho um grande desejo de colocar toda a minha vida nas tuas mãos, de aceitar o teu grande amor e a tua misericórdia, e de recomeçar sem olhar para trás. Ensina-me, mostra-me como Te posso reconhecer em cada momento».

Tendo-se reformado, depois de ter ficado um período no centro paroquial, mudou-se para um apartamento na Cidadela «Pietra Angolare», em Baar. Até que as forças lho permitiram, trabalhou no mercadinho de artigos usados «Von e Für»



(de e para), e ajudava nos trabalhos concretos, de acordo com as suas forças, irradiando paz e sabedoria. A vida do núcleo era para ela muito preciosa. Escreveu: «O núcleo, para mim, significa comunidade. Dele trago a força para ultrapassar até os momentos difíceis. Dele vem a graça de "fazer-se um", de estarmos juntas na "santa viagem", de dizer sempre de novo o meu "sim"».

Deus chamou-a a Si, no dia 5 de agosto, pouco antes do seu nonagésimo aniversário.

*Imja Lutz*

## P. Georg Schlütter

*Foi com isto que ficámos a conhecer o amor: Ele deu a Sua vida por nós; assim, também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos» (1 Jo, 3,16)*



Aos 22 anos o Georg, natural da Renânia (Alemanha) - estudante de Teologia, conheceu o Ideal. Começou, por isso, a viver uma profunda comunhão com Jesus Abandonado, fonte de onde retirava a força para renovar todos os dias o pacto de unidade e para se fazer um com todos. Seis anos depois da ordenação, decidiu ir para Berlim, cidade onde existiam muitas contestações e que estava dividida pelo muro, com o desejo profundo de estar com todos com uma alma de verdadeiro irmão e dar a vida por eles:



sobretudo pelos inimigos ideológicos da Igreja, assim como pelos sem-abrigo da sua paróquia. Fez parte do primeiro grupo de sacerdotes focolarinos. A característica do P. Georg era "construir" pontes. A grande casa paroquial, em Berlino-Kreuzberg, tornou-se num centro de vida dos sacerdotes, na parte oriental e na parte ocidental da cidade. Sempre aberto a cada nova vontade de Deus, punha os seus talentos à disposição (arte e liturgia) para os «Katholikentage», nas décadas de 1980 e 1990. Tocava viola e praticava vários desportos: atividades que o aproximavam dos jovens e que o predispunham para a realização do importante projeto de recuperação de jovens de Berlim, que tinham caído no inferno da droga. Tendo captado o grande significado eclesial e humanitário da Fazenda da Esperança, fundada pelo Frei Hans Stapel, no Brasil, colocou à disposição os seus contactos políticos, para uma obra que assinalou o início das "Fazendas" na Alemanha. Neste projeto, experimentou como a Palavra de Deus vivida abria a estes jovens o caminho da recuperação e os fazia tornarem-se apóstolos credíveis junto dos seus colegas, que ainda eram vítimas da dependência.

Nos últimos seis anos, a sua vida foi fortemente assinalada por uma grave demência. Na minha última visita, com o amigo Hans Scheiger, inesperadamente reconheceu-nos, e para nossa grande surpresa, confiou-nos, totalmente consciente, «Eu vivo por vocês!» No dia 29 de junho, com 76 anos de idade, o P. Georg voltou para a Casa do Pai.

Wilfried Hagemann

## Maria Victoria (Vicky) Pertierra Pellicer

«*Se Deus está a nosso favor, quem poderá estar contra nós?*» (Rom.8,31)

Voluntária de Manila (Filipinas), aos 40 anos, a Vicky conheceu a espiritualidade de Chiara e, ficando fortemente atraída, ia muitas vezes ao focolar para a poder aprofundar o mais possível. «Estava tão inflamada pelo Carisma - contava ela -, que queria abraçar e amar Jesus no seu Abandono». Foi este amor que a manteve firme nos momentos de sofrimento e na sua dedicação, durante muitos anos, ao Centro Social «Bukas Palad», colocando-se ao serviço dos mais necessitados.

Nos anos '80, as Famílias que passaram pelo Centro atingiram o número de 5.000 e, apesar da grande comunhão de bens que se procurou fazer entre as pessoas do Movimento, o dinheiro não era suficiente. A Vicky ultrapassou a sua timidez e, com a sua maneira criativa, conseguiu ir ter com o Presidente de um Banco e convidou-o para ir visitar o Centro. Comovido pelos múltiplos serviços que eram prestados, ele decidiu lançar uma ampla campanha de recolha de fundos nas agências de todo o País. E foi assim que, graças à audácia da Vicky, atualmente o «Bukas Palad» é um edifício de cinco andares que pode contar muitas histórias dos pobres que lá experimentaram o amor de Deus nas suas vidas.

A Vicky, para além de ser responsável de núcleo, era empenhada de Humanidade Nova, tendo também envolvido outros professores da sua região. Apesar da sua saúde frágil (foi operada 14 vezes), foi professora voluntária de meninos da rua, a quem se dirigia em tagalog, a língua local, que procurou aprender para que eles compreendessem melhor as lições.

No mês de março, a sua saúde piorou. A Vicky teve de deixar a sua amada profissão para ser internada. O seu «sim» a Jesus Abandonado foi total. «Parecia que Jesus me dissesse - disse ela -: "Pediste-me para ser santa, esta é a minha maneira de te fazer obter a santidade, através da Cruz"». Então, disse-Lhe: «Se esta é a minha maneira de me tornar santa, aceito-a, porém, Tu Jesus, tens de me ajudar, não consigo fazer isso sozinha». E pela sua serenidade até ao fim, foi claro que Ele esteve sempre ao seu lado, até a levar Consigo, no dia 22 de julho, aos 77 anos de idade, para a Pátria Celeste.

Ma. Corazon Guzman



# P. Helmuth Brockman

*De Westfalia aos Andes,  
no coração, o Ideal da unidade*

Helmut, de Westfalia-Renania (Alemanha) inicia a sua formação como missionário Steyler (verbita) aos 16 anos. É ainda estudante quando lhe chega às mãos uma cópia da Neue Stadt (Cidade Nova alemã). Fica tão impressionado que, em 1959, vai aos Dolomitas para participar na Mariápolis, onde conhece Chiara pessoalmente. Em 1964 parte para a Argentina, levando no coração o ideal da unidade.

O P. Carlos - como muito simplesmente o chamam por aqueles lados - fica no novo continente durante 40 anos, transferindo-se para diversos lugares. À direita do Rio da Prata constrói



uma ilha missionária com muitos frutos. Nos Andes segue pessoalmente 56 aldeias indígenas, situadas a uma altitude entre 3300 a 4500 mt. A sua última mudança foi para uma zona das mais quentes da Argentina. Por todo o lado o p. Carlos mantém os contactos com os focolarios,

ajudando-os na organização das Mariápolis e difundindo o Carisma da unidade por todo o lado.

Quando voltou para a Alemanha, viveu, durante 15 anos, no Mosteiro de Mosbach na Odenwald e, enquanto as forças lhe permitiram, participava nos encontros da comunidade local. Em setembro de 2016 transfere-se para a casa de repouso da sua Congregação, em Sankt Wendel. Daqui, no dia 28 maio de 2017, com 83 anos, o p. Helmut volta para o Pai.

*P. Wolfgang Angerbauer*

# Renata Orzenini

*«Não há, debaixo do céu, qualquer outro nome dado aos homens que nos possa salvar» (At 4,12)*

Voluntária da zoneta de Bolonha, a Renata é uma pessoa alegre, aberta, que se sabe fazer um com todos. Escreveu a uma amiga: «perguntas-me se já experimentei o vazio absoluto. Oh sim, sem dúvida! Por isso consigo percebê-lo e, com o coração, partilhá-lo, como instrumento nas mãos de Deus que, mesmo se escondido, continua a consolar-nos e a sustentar-nos». Com o seu amor de irmã e mãe, a Renata é um ponto de referência para as voluntárias da zoneta.

Na escola onde ensina, torna-se o seu preferido quem manifestasse qualquer tipo de problema e isto permite-lhe estreitar relacionamentos duradouros com muitos dos seus ex. alunos. Acompanha, com muito amor a sua mãe durante uma longa doença: «Esta situação cada vez mais difícil - escreve - aumenta a unidade e o amor com a



minha irmã. É mesmo verdade que, apesar do grande cansaço, físico e psicológico, o sofrimento é fonte de amadurecimento. É sempre uma dádiva».

Testemunha o que Chiara lhe tinha escrito confirmando-lhe o nome de Renata: «...sê nova, renascida em cada momento presente, santa», perante cada dor, a Renata volta a escolher Jesus

Abandonado, ao qual permanece fiel, toda a vida.

Confia à sua irmã «O Senhor faz-me percorrer um certo caminho apesar de alguma resistência da minha parte, mas devo deixar-me conduzir por Ele». Cada vez mais se dedica à oração e à catequese, na Paróquia, como se se quisesse preparar para o encontro com Jesus, que se realiza no dia 28 de maio, aos 83 anos. «Ao contactar com a Renata - testemunha uma sua amiga, que trabalhava com ela na Cáritas - sentia logo a presença de Deus». A sua doença permitiu às voluntárias estar perto dela e restituir-lhe, ao menos em parte, aquele amor que a Renata lhes tinha oferecido.

*Daniela Nicolini Palmieri*

## Rosella Sammarini Talacci

*O seu caminho de sofrimento torna-se uma «cátedra»*

Casada e mãe de três filhos, em 1978 a Rosella, da zoneta de Bolonha, participa na Mariápolis de Bergamo, em que o tema é «Jesus no irmão». Com o seu marido Armando, captam plenamente a mensagem evangélica e, juntos, começam a vivê-la. Imersos nesta nova luz, o quarto filho chega inesperadamente e foi acolhido como uma prenda de Maria.

A casa deles abre-se à hospitalidade, mesmo de pessoas nunca antes conhecidas e nas quais reconheciam o rosto de Jesus. Uma característica da Rosella, que entretanto percebe o chamamento a ser uma voluntária, é o sorriso especial com que acolhe pessoas e situações, sem nunca perder a paz.

É uma mulher simples, mas sempre com um aspecto bem apresentado, para festejar Jesus no irmão que encontra.

Nos últimos anos aprende a conviver com a doença, indo buscar aí a força em Jesus Abandonado. O seu caminho torna-se, deste modo, uma «cátedra», de onde pode amar ainda mais todos os próximos que encontra, superando-se a si mesma. Consciente, até ao fim, da gravidade da doença e da sua evolução, para além da sua própria fragilidade e limites, entrega-se plenamente na misericórdia de Deus. Durante a sua hospitalização, os familiares e as voluntárias estiveram sempre a seu lado até ao dia 8 de maio, quando, com 74 anos de idade se apagou serenamente.

*Daniela Nicolini Palmieri*



## Yvonne Tayoh Lambou

*Testemunha que Deus também é Beleza*

Depois da escola elementar, Yvonne, voluntária da zoneta de Bamenda (Camarões), torna-se uma ótima modista. Abraça a espiritualidade da unidade com todo o coração e permanece-lhe fiel ao longo da vida.

Dotada de um sentido de harmonia aguçado, oferece o seu contributo nas manifestações da Obra, para testemunhar ao mundo que Deus é também Beleza.

Sendo uma pessoa aberta, tolerante, alegre, afetuosa, atrai muitas pessoas para os valores da vida do Evangelho, que ela mesma vive. É uma grande trabalhadora, sempre pronta a servir e o seu amor pelos outros é visível por todos. Com o surgir da doença, que se agravou nos dois últimos anos após um AVC que lhe provocou uma paralisia parcial, aceita tudo das mãos de Deus e oferece os seus sofrimentos pelas atividades do Movimento. O seu marido Evaristo deixa o trabalho de motorista para se ocupar da mulher, dado o avançar da doença dela, que se apaga no dia 18 de fevereiro, aos 54 anos. Durante o funeral, tocado pelo testemunho da mulher e do quanto lhe estava próxima a comunidade da Obra, o marido declara abertamente querer ser um membro do Movimento.

*Dorothy Kum*



## Luciana Salandini

*«Deus ama-me assim como sou»*

Impulsionada pelo desejo de aprofundar o conhecimento do carisma da unidade, a Luciana, de Gallarate (Varese - Itália), participa com fervor nos congressos do Movimento e, desde 1990, faz parte de um grupo de empenhados paroquiais. Voltando de um encontro no Centro Mariápolis de Cadine escreveu: «Percebi que devo empenhar-me mais em meditar e viver a Palavra



de Deus; que devo ser eu própria, sem copiar de ninguém, porque Deus me ama assim como sou, com os talentos que ele próprio me deu e que devo saber perder, abraçando Jesus Abandonado

e não me deixar levar pelo ativismo, menosprezando as coisas da alma». Depois de uma experiência em Castel Gandolfo escreve ainda: «Medito muito sobre o tema de Jesus Abandonado e sobre a importância de amar e do fazer-se um com todos, para uma nova evangelização».

Ativa, pontual no empenho do coro paroquial, tendendo sempre à unidade e atenta às necessidades de todos, doa-se com amor para aliviar quem necessita de ajuda, tendo sempre presente o objetivo indicado por Chiara: viver a unidade na Paróquia, para fazer dela um pedacinho de Reino de Deus sobre a Terra.

No grupo missionário, ocupa-se dos relacionamentos com as referências do estrangeiro para o apoio à distância de AFN (Adoções Famílias Novas), estabelecendo com cada criança, que faz parte do grupo, um relacionamento de amor, mantido com a correspondência assídua e a oração fervorosa. Traduzia em italiano as cartas das crianças, para manter todos atualizados e estimulava a oração porque, dizia, «tenho a certeza que Jesus transforma as nossas orações num bem para eles.».

No dia 6 de Julho, com 72 anos, o Pai chama-a a si, acabando com uma longa doença degenerativa que, aos poucos, lhe tirou todas as possibilidades motoras e de linguagem. Foram anos difíceis, vividos na total aceitação da vontade de Deus, circundada pelo amor dos familiares, que fizeram de tudo para que ficasse na sua casa, pondo-lhe à disposição os melhores tratamentos.

*A secretária do Movimento  
Paroquial de Milão*

## Benjamin Desmond O'Connell

*«Pai fundador» dos voluntários, na Oceânia.*

Benjamin Desmond (Des) pertencia à Marinha militar quando, no fim da segunda guerra mundial, visitou Hiroxima (Japão) numa devastação completa. Fica profundamente impressionado com isto e, como católico empenhado, refaz a escolha de querer, com a sua vida, realizar um mundo de paz.

Em 1949 a sua jovem família, juntamente com outras 150, transfere-se para "St Marys/Maryknoll" (a este de Melbourne- Austrália), para colaborar na construção da cidadela, fundada pelo padre Pooley, para promover uma nova justiça social. Em seguida encontra o Ideal de Chiara e compreende que, para levar Jesus ao mundo, deve começar por si mesmo, dedicando intelecto e energias num contínuo diálogo com Jesus. Em 1973, depois de ter participado numa escola em Rocca di Papa e de ter visitado Loppiano, manifesta o desejo de se tornar um voluntário da Obra.

Desde então a sua vida consiste em querer fazer só o que Deus quer dele, na simplicidade e alegria de construir relacionamentos verdadeiros, pondo o outro no centro do seu mundo. Em Maryknoll, Des é um promotor da unidade, mesmo onde aparentemente parece impossível... por exemplo consegue convencer as famílias a abrirem um centro de reabilitação, antes fortemente obstaculizado e agora apreciado por toda a comunidade. Tendo ido a outro Estado para ajudar o pai de um voluntário, apercebe-se que o doente tem uma pistola carregada, perto de si, que entende usar logo que o seu sofrimento se torne insuportável. Consegue reacender, naquele homem, a fé em Deus-Amor e a pistola desaparece. Entre os três estabelece-se uma unidade profunda, que acompanha o moribundo a deixar esta Terra em paz com Deus.

Nos últimos dois anos e meio decorridos num centro para idosos, Des continua a



## Christa Benning

«...até à próxima»



O primeiro trabalho de Christa - em Bocholt, na região de Munster (Alemanha) - é num escritório de consultas fiscais do Hermann, que se tornaria o seu marido. Tendo ele uma deficiência motora, ela trata-o com dedicação em casa e no trabalho. Com pouco mais de trinta anos porém, Christa fica viúva com três crianças pequenas e, com coragem, durante mais 55 anos, é ela que continua a atividade iniciada pelo marido.

Através dos filhos - Hermann Josef, voluntário e Matthias, focolarino casado - encontra o Movimento dos Focolares e torna-se uma voluntária. Dotada de uma grande sensibilidade para com a verdade e a justiça, sabe ouvir e aconselhar com grande capacidade de discernimento. No núcleo é apreciada pela profunda comunhão de alma e de coração. A sua casa está sempre aberta, em particular para os jovens. Os encontros do seu núcleo também se fazem lá.

Christa não se preocupa com a sua saúde, apesar do avançar da idade: procura alimentar-se de modo saudável e viver com respeito pela natureza, extraindo dela os remédios de que necessita. Com o diminuir das forças, procura a maneira de se ajudar a si mesma, por exemplo, dividindo as compras em vários sacos para conseguir levá-las para casa sozinha. Devido a complicações de uma gripe forte entra no hospital. Consciente de ir, em breve, para o Pai - algumas semanas depois, a 5 de abril, com 91 anos -, a quem a visitava, com muita caridade dizia: «...até à próxima».

*Margareta Gehlmann*

amar. Os assistentes, médicos, enfermeiros e residentes, de boa vontade entretêm-se com ele para, como afirma um deles, mergulhar «num banho de luz e de sabedoria». No dia 5 de Setembro de 2016, com 102 anos de idade, parte sereno para a Mariápolis Celeste.

*Rob Lyell e Bruce Scott*

## Alice Vivarelli Tovoli

«... Procuo ter a alma disponível»

Voluntária da zoneta de Bolonha, Alice, professora e experiente na vida, transmite o seu conhecimento e uma fé profunda com amor e «fazendo-se um» com todos. Encontra o seu estilo de vida na espiritualidade da unidade e são muitas as pessoas, também da sua família, que o desejam fazer seu. Estando atenta às necessidades dos outros, ajuda-os concretamente sem se poupar. Durante muito tempo vai uma vez por semana à casa de uma família em dificuldade, com duas crianças pequenas: a senhora recorda que, enquanto a Alice passava a ferro, contava histórias ao mais pequeno que a ouvia encantado.

Exigente consigo própria é compreensiva e aberta para com todos. Testemunha alguém: «Ocupava-se e preocupava-se por mim: convidava-me à sua casa, fazia-me sentir à vontade e, como eu tinha vindo da província, ajudava-me - ela mais adulta e eu tímida - a enfrentar a sociedade com conselhos e encorajamentos. Estimou-me sempre e nunca me pediu nada em troca».

Da casa de repouso onde se retirou por vontade própria, escreveu: «muitas coisas mudaram, cada dia e cada noite Jesus ajuda-me a viver a minha doença com paz. Procuo não ter pensamentos e ter a alma disponível para tudo o que Jesus quiser ainda de mim». No dia 30 de abril, com 96 anos, a Alice levanta voo para Deus, deixando em todos a certeza que está no Paraíso.

*Daniela Nicolini Palmieri*



# Maria Filomena Bota Filipe Lopes da Cunha

06.10.1928 - 13.10.2017

Ao encontrar-se com o carisma da Unidade, em 1998, tocada por uma graça de Deus, a Filomena percebeu que deveria desapegar-se mais das coisas materiais e que não se deveria lamentar das dificuldades, porque, dizia ela – “*agora estou mais próxima de Jesus*”.

Era uma pessoa extremamente generosa, aberta a todos, cheia de vida e de entusiasmo e, ao mesmo tempo, muito sensível ao sofrimento e às necessidades dos mais pobres, traduzindo esta



sua sensibilidade em ações concretas.

Por exemplo:

apresentava-se sempre muito bem arranjada e explicava: “porque em cada próximo que encontro está Jesus”;

em 1999, contribuiu abundantemente para um jantar de solidariedade com Timor Leste, e este

foi um gesto que se repetiu noutras situações semelhantes.

Disponibilizava as suas casas no Algarve para que algumas pessoas pudessem passar um período de férias. E, como se não bastasse, surpreendia-as com uma caixa de bolos, ou com um convite para um passeio de gaivota ...

Fica-nos a imagem da Filomena sempre jovial, muito alegre, criativa e concreta em amar cada pessoa que lhe passava ao lado.

# Maria del Carmen Lozada

*Das primeiras voluntárias da  
Argentina*

Foi uma das voluntárias «históricas» de Alta Grácia (Córdoba), daquelas que deixaram um sinal, gerando em muitos a vida do Ideal.

Tinha um nome novo, Maricor – Maria Coração da humanidade - e uma Palavra de vida: «Eu consagro-Me por eles, para eles serem também consagrados na verdade» (Jo 17,19).

Viveu ativamente, na Obra, durante 40 anos. Grande trabalhadora, entusiasta pela sua profissão de professora, ocupava-se do histórico «Museu de Virrey Liniers» e ainda era bibliotecária da paróquia dos Salesianos. Tendo ficado viúva, com grande amor educou os filhos. Um deles fez a experiência da Mariápolis de O'Higgins. Aos 80 anos, no final de 2016, chegou à Casa do Pai.

Enfrentou as muitas dificuldades da vida



com um carácter forte e uma alegria inesgotável, que testemunhava quer nas circunstâncias favoráveis quer nas adversas. Em qualquer ocasião, quando chegava, alegre, espirituosa, exclamava: «Porque vim? Para amar, mais nada». Na disponibilidade de recomeçar sempre, tinha encontrado o balsamo para as quedas e encorajava

as voluntárias a fazer o mesmo. Nunca duvidou que o seu lugar na Igreja fosse servi-la na Obra de Maria e o seu «sim» foi para sempre. Quando surgiam problemas de saúde, dificuldades familiares, dores, encorajava a fazer "o consensarint" – mesmo à distância –, a rezar o Terço. Sempre se podia contar com a Maricor, com as suas orações, na certeza que ela vivia para a realidade do outro. E toda esta grandeza estava contida num corpo miudinho, baixinho, mas transbordante da virtude da humildade.

*Gabriela Clivio*



## Adelina Zunino

«Santos» para uma nova sociedade

De Sassello (Savona), professora diplomada, foi ensinar na mesma escola da Gianna Fumagalli (ver o perfil pagg. 31-32). Tornaram-se amigas: «a Gianna ouvia-me sempre – conta a Adelina - e aceitava os meus desabaços, até quando, uma noite, com muita delicadeza, deu-me a revista "Città Nuova" dizendo-me: "Tenta lê-la, pode ser que te ajude a viver"». Naquela noite, a Adelina, que tinha 28 anos e há bastante tempo já não frequentava a Igreja, não conseguia adormecer. Aquelas páginas pareciam escritas de propósito para ela.

Logo que lhe é possível corre ao confessionário e, no verão, participa com a Gianna, na Mariápolis de Fiera di Primiero, onde aprofunda os pontos básicos da vida ideal: Deus como Amor, o momento presente, o amor recíproco, Jesus Abandonado. Torna-se uma voluntária. O seu grande amor pela "Città Nuova" faz com que consiga cerca de 50 assinaturas por ano. No fim de uma escola em Loppiano escreveu: «O voluntário é chamado a renovar o mundo, mas só na medida em que se santifica é que contribui para fazer uma sociedade nova. Por isso o empenho é viver "dentro", sem preocupações para o "fora", o resto fá-lo Deus, se viver dentro de mim». Em 1971 descreve assim o seu empenho pelo «Ut-Omnes»: «Continuo a criar relacionamentos de unidade com o Diretor e uma professora comunista. Esta manhã, quando regressar, depois de um período de doença, vieram cumprimentar-me à sala de aulas e ofereceram-me uma prenda, um livro, naturalmente de esquerda. À sexta-feira faço voluntariado hospitalar numa residência para idosos e, com outras três amigas, fazemos companhia a 32 pessoas, todas em cadeira de rodas. Dada a presença de muitos veraneantes, fizemos, também este ano, em agosto, a exposição-mercado, com trabalhos feitos pelos

doentes, sendo o lucro dado para a solidariedade. As ofertas foram generosas, mas vê-los a todos em ação foi ainda mais bonito».

Em 1981, acompanha ao "Familyfest", no "Palaeur" de Roma, três famílias de Sassello entre as quais Maria Teresa e Ruggero Badano, com a filha Chiara Luce, que, em 2010 viria a ser declarada beata.

No dia 10 de junho, com 86 anos, a professora primária de Sassello, aquela que a história quis que fosse o instrumento para fazer conhecer o Ideal à Chiara Luce, conclui a sua vida terrena, uma maravilhosa aventura toda bordada com o Evangelho.

Angela Roncallo

### Os nossos parentes

João, irmão de Margarida Nobre, focolarina na Mariápolis Romana; Antonio, pai de Roberta, focolarina em Caracas e de Gabriella Munegato, focolarina casada em Milão; Giovanna, mãe de Carla Somavilla, focolarina em Pádua; Giuliana, mãe de Paola Serafini, focolarina no Lazio Nord; Pierre, pai de Pierre André Blanc, focolarino em Montet; Giovanni, irmão de Pierino Spada, focolarino na Mariápolis Romana; Maria, mãe de Ange Mi Sook Kim, focolarina em Seoul; Walter, irmão de Red Deschuyffeleer, focolarina na Cittadella MarienKroon (Holanda); Vicente, irmão de M. Auxiliadora Peres Moreira; Florivaldo Bruno, irmão de Sandra Ribeiro; Maria Luiza, irmã de Alice e Maitê Guimarães; Síría, mãe de Josemeri Valério Pereira, todas focolarinas na Mariápolis Ginetta; Maria Selma e Antonio, mãe e irmão de Tania Maria dos Santos, focolarina em Teresina (Brasil); Lúcio Flávio, pai de Isabel Furtado, focolarina em Fortaleza (Brasil); Yolanda de Nazareth, mãe de Ana de Fátima Monteiro Athias, e Annik, mãe de Carina France Araujo, focolarinas em Brasília; Maria Cecília, irmã de Luiza Arezzi, focolarina em Florianópolis; Manoel, pai de Maysa Monteiro dos Santos, focolarina no Rio de Janeiro, e de Telma, voluntária em Brasília; Nelson, pai de Teresa Cristina Costa, focolarina em Brasília; Eliezer, irmão de Elide Araújo, focolarina na Mariápolis Glória (Brasil); Giovanni, irmão de Fabrizio Caldiron, focolarino em Roma; Micifumi, pai de Tessa Keiko Oto, focolarina em Nagasaki (Japão); Giuseppina e Luigina, respetivamente mãe e irmã de Agnese Segá (Cari), focolarina na Mariápolis Romana.

### MARIÁPOLIS NOTICIÁRIO INTERNO DO MOVIMENTOS DOS FOCOLARES

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Outubro e novembro de 2017 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Rua Senhora da Graça, 60 • 2580-042 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 350 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a) .

# Um só coração

Depois do encontro do passado mês de setembro, no Centro da Obra, a experiência de comunhão que o Conselho da Obra e os Delegados das zonas viveram foi transmitida capilarmente aos vários membros da Obra do mundo inteiro.

A M. Emília Martins (Mila) e o Paulo Bacelar, na qualidade de responsáveis de Portugal, participaram num encontro em Bruxelas, com os restantes responsáveis da Zona da Europa Ocidental, durante o qual a Maria Verhegge e o Henri-Louis Roche os puseram ao corrente da experiência vivida, do olhar universal sobre a Obra na atualidade, e das perspetivas para 2018.

De regresso a Portugal, a Mila e o Paulo iniciaram uma espécie de digressão pelo país, fazendo com que cada um de nós pudesse também entrar na experiência de comunhão vivida, sentindo-se parte integrante da “rede” e aprofundámos o tema do ano: Maria - no seu desígnio, o meu, o nosso desígnio. Pensámos não continuar a detalhar o programa feito, nem o conteúdo que consta já de algumas páginas desta revista, mas comunicar-vos algumas experiências desses dias:

“... o que me levou a mudar foi no sentido de retificar o modo de vida procurando ser mais Maria ...”;

“... foi forte a presença de Jesus no meio entre as gerações, a harmonia nos relacionamentos...”;

“ Momento de família que me trouxe o Centro da Obra para o interior do meu coração, tornando-nos também a todos um só coração. Libertando-me de mim mesma, para ser



verdadeira protagonista do Ideal de Chiara, unida a toda a Obra e ter como objetivo ser uma pequena Maria no mundo...”;

“Dia de muita simplicidade, de alegria .... Um momento de tu a tu com Jesus....”;

Sentia-se uma forte presença de Maria, como se o seu manto nos cobrisse a todos e nos impulsionasse a viver no essencial.... Para podermos construir a Obra, amando concretamente e procurando ser como Maria”;

“Foi fantástico. É mesmo o ano de Maria que gera Jesus no meio e Ele á alegria, paz, vontade de viver”;

“ Um momento lindo de família, de encontro entre todos, de ser conscientes da Graça de pertencermos à Obra ....

“... Sentir que toda a Obra, em todas as suas dimensões é nossa”...;

“... O tema de Maria é fantástico .... Amar como Maria, com o seu coração, um coração de carne ...”;

